



# Ainda precisamos de pai?

## Da paternidade para a parentalidade

### Editorial

“O conceito de parentalidade amplia não só a noção de paternidade, mas também as funções até então exercidas pelo homem para mais de uma pessoa”, afirma **Miriam Pillar Grossi**, antropóloga, na entrevista publicada nesta edição da *IHU On-Line*, que discute as mudanças no exercício da função paterna. Mas, como explica a professora da UFSC, nas últimas décadas as mudanças ocorreram tanto na paternidade quanto na maternidade e é justamente para incluir estas mudanças que se forjou o conceito de “parentalidade”. Por sua vez, **Marcelo Spalding Verdi**, psicólogo que atua Clínica Interdisciplinar Maud Mannoni, de Porto Alegre, reflete sobre as novas possibilidades de experiência familiar. Segundo ele, simultaneamente às famílias nucleares, que são as entidades constituídas por pelo menos um adulto e seus filhos, existem famílias com configurações diversas - binucleares, homoafetivas, transgeracionais -, além de um número de pessoas que optam por viver sozinhas. “O que tem acontecido - constata - é um enfraquecimento do discurso paterno de um modo geral, uma espécie de crise do masculino, um esgotamento da sociedade

patriarcal”. Igualmente, a psicóloga **Cláudia Valle Sigaran**, coordenadora de ensino da Clínica de Psicoterapia Instituto de Mediação, de Porto Alegre, analisa as novas configurações familiares. “A mudança nos paradigmas da família reflete-se nos vínculos de parentalidade, levando à crença de que a filiação é identificada pela presença de um vínculo afetivo paterno-filial”. Que conseqüências implicam estas novas estruturas familiares para o bem-estar dos seus integrantes? Como é sua interação com outros segmentos da sociedade? Como podemos entender e trabalhar com estas diversidades e com as variações encontradas no interior das novas famílias? Estas são algumas das perguntas formuladas pelas psicólogas **Marilene Marodin** e **Tânia Vanoni Polanczick**, da Clínica de Psicoterapia e Instituto de Mediação. **Andréia Seixas Magalhães**, psicóloga e professora da PUC-Rio, discordando da idéia de uma “sociedade sem pai”, ressalta que a construção da masculinidade também é transmitida pelas mães, a partir do modo como elas a percebem. Desafiado pela *IHU On-Line* a refletir sobre a imagem de “Deus Pai”, o

teólogo **André Musskopf**, pesquisador na área de Teologias GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros), Teoria *Queer* e Estudos de Gênero e Masculinidade, considera que “falar de Deus como Pai não é necessário nem imprescindível, embora possível. As perguntas que se colocam são: ‘Para quem esta metáfora funciona?’; ‘Para que serve social e politicamente?’; ‘Quem decide, escolhe e sanciona as formas ‘ortodoxas’ de falar de Deus?’”. Sem dúvida, trata-se de uma reflexão instigante.

“Nossa economia é gerida hoje pelos ‘rentistas’, que têm excedente de renda aplicada no mercado financeiro”, afirma, com autoridade, **Bernardo Kucinski**, jornalista e professor da Universidade de São Paulo, analisando a política econômica do governo Lula. Trata-se de uma “uma política monetária e cambial totalmente inconsistente e que sangra o Estado, deixando-o sem recursos”. A íntegra da entrevista pode ser lida nas páginas desta edição.

**Rudolf von Sinner**, pró-reitor de Pós-graduação e Pesquisa e professor nas Faculdades EST, em São Leopoldo, e pastor da IECLB, reflete sobre a possibilidade de uma teologia pública. Segundo ele, que participou, em maio deste ano, da criação da Rede Internacional de Teologia Pública, em Princeton (EUA), “na América Latina, ainda há pouca reflexão sobre o tema. O Instituto Humanitas Unisinos - IHU - é a única instituição no Brasil, segundo meu conhecimento, que o utiliza de forma explícita. Mas tendo o País e o continente grande experiência no desenvolvimento de conceitos teológicos relevantes para assuntos públicos, penso que a exploração deste conceito, em interação com outros países, poderia ser frutífera e oportuna”.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

## Leia nesta edição

PÁGINA 01 | Editorial

### A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 06 | Miriam Pillar Grossi: “O pai não está desaparecendo: o que temos é uma transformação de papéis”

PÁGINA 07 | Beatriz Gang Mizrahi: Pais: meros instrumentos do mercado?

PÁGINA 10 | Andréa Seixas Magalhães: Novos arranjos familiares. Qual é papel do pai na família contemporânea?

PÁGINA 12 | Marcelo Spalding Verdi: “Os papéis de pai e mãe são muito relevantes”

PÁGINA 15 | Cláudia Valle Sigaran: “A mudança nos paradigmas da família reflete-se nos vínculos de parentalidade”

PÁGINA 18 | Marilene Marodin E Tânia Vanoni Polanczick: Transformações na paternidade. Quem é o pai na família do século XXI?

PÁGINA 23 | Elizabeth Zambrano: Homoparentalidade: novas concepções de família

PÁGINA 26 | André Musskopf: Deu é pai ou mãe? Uma reflexão

### B. Destaques da semana

» Brasil em Foco

PÁGINA 31 | Bernardo Kucinski: “A política macroeconômica é inconsistente”

» Teologia Pública

PÁGINA 35 | Rudolf von Sinner: A Teologia hoje: limites e possibilidades

» Análise de Conjuntura

PÁGINA 39 | Destaques On-Line

PÁGINA 42 | Frases da semana

### C. IHU em Revista

» PERFIL POPULAR

PÁGINA 45 | João Rabuske

PÁGINA 48 | Sala de Leitura

» IHU REPÓRTER

PÁGINA 49 | Sergio Dapper

## “O pai não está desaparecendo: o que temos é uma transformação de papéis”

ENTREVISTA COM MIRIAM PILLAR GROSSI

*Para a pesquisadora Miriam Pillar Grossi, o conceito de parentalidade quebra o paradigma de que apenas homem é pai e mulher é mãe. Segundo ela, essas funções podem ser realizadas por pessoas que estão desenvolvendo o papel de cuidar uma criança, independentemente do sexo.*

*Nas famílias recompostas, explica a professora, é possível observar como o parentesco é “uma construção social”. Grossi destaca que, “mesmo que as pessoas não tenham vínculo biológico com as crianças, elas cuidam delas como se fossem seus filhos”.*

*Miriam Pillar Grossi é graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestre e doutora em Antropologia Social e Cultura pela Universidade Paris V, René Descartes, onde escreveu a dissertação *La violence contre les femmes dans le mariage au Brésil - Crêpes, fars et galettes: une approche de la cuisine bretonne* e a tese *Representations sur les femmes battues - la violence contre les femmes au Rio Grande do Sul*. É pós-doutora em Antropologia Social pelo Collège de France. Atualmente, leciona na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no departamento de Antropologia, onde coordena o Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS). Escreveu dezenas de artigos acadêmicos, capítulos de livros e organizou inúmeras obras, dentre os quais destacamos: *Masculino, feminino, plural (Florianópolis: Editora Mulheres, 1998)*; *Gênero e violência: pesquisas acadêmicas brasileiras (Florianópolis: Editora Mulheres, 2006)*; *Depoimentos: trinta anos de pesquisas feministas brasileiras sobre violências (Florianópolis: Mulheres, 2006)*; e *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis (Rio de Janeiro: Garamond, 2007)*.*

*A entrevista, concedida por telefone à IHU On-Line, pode ser conferida a seguir.*

***IHU On-Line* - Por que, ao longo dos anos o conceito de paternidade passou a ser repensado e abordado como parentalidade?**

**Miriam Pillar Grossi** - O conceito de paternidade está bastante vinculado ao pai, isto é, a um poder e a um lugar social centrado no que se considera na sociedade ocidental como pai. Nestas sociedades, o conceito de pai corresponde a um indivíduo do sexo masculino. O conceito de parentalidade amplia não só essa noção de paternidade, mas também as funções, até então exercidas pelo homem, para mais de uma pessoa.

Na idéia de paternidade tradicional, existiam duas funções que se complementavam e que nunca eram feitas pela mesma pessoa, ou seja, a função de cuidar era exercida pela mãe e a de prover e ensinar a lei era exercida pelo pai. O conceito de parentalidade veio contribuir para entender o momento atual, onde essas funções deixaram de estar associadas à idéia de que só o homem é pai e apenas a mulher pode ser mãe.

***IHU On-Line* - Na sociedade contemporânea, as famílias estão sendo compostas por grupos familiares de diferentes uniões dos pais. Como fica o papel do pai da atualidade?**

**Miriam Pillar Grossi** - Nessa discussão sobre o papel do pai, é preciso pensar o pai com a mãe e qual é a relação familiar que se constitui a partir desta relação entre dois indivíduos. Quando se pensa o que mudou na figura do pai, há uma visão conservadora afirmando que o pai mudou. No entanto, ao longo das últimas décadas, ocorreram mudanças no exercício da função paterna e da função materna. Ambas passaram a ser exercidas por homens e mulheres. É verdade que, num primeiro momento do movimento feminista, são as mulheres que adentram esse mundo considerado masculino, da paternidade, passando a cumprir também o papel de provedoras do lar. Entretanto, num segundo momento, passamos a observar esse movimento de transformações

da paternidade através da entrada dos homens no terreno que era considerado das mulheres, da maternidade, ou seja, ficar em casa, cuidar dos filhos, trocar fraldas, cozinhar etc.

Então, quando se fala que ocorreu uma mudança na paternidade, precisamos pensar que existem mudanças tanto na paternidade quanto na maternidade, e é justamente para incluir estas mudanças que se forjou esse novo conceito, de “parentalidade”. Esta abarca todas as multiplicidades das novas formas de ser pai e mãe, que nem sempre dizem respeito apenas a pais biológicos. Nas famílias recompostas, é possível observar como o parentesco é uma construção social. Mesmo que as pessoas não tenham vínculo biológico com as crianças, elas cuidam delas como se fossem seus filhos, ou seja, o que prevalece é o vínculo afetivo com a criança e não seu DNA.

***IHU On-Line* - É comum que muitas mães desenvolvam atividades e responsabilidades de pai e mãe na criação dos filhos. Ainda há responsabilidade de pai e responsabilidade de mãe?**

**Miriam Pillar Grossi** - Responsabilidade de pai e responsabilidade de mãe, com funções divididas, não existe mais como um modelo único. Nós não podemos mais pensar numa visão dicotômica. Esse era o modelo vitoriano de família, que veio do século XIX, e que vai se reproduzir num modelo de família burguesa, urbana e contemporânea, no Brasil do século XX. O que temos que ter presente é a questão: quais são as necessidades que uma criança tem em relação a sua sobrevivência material, humana e social?

Este ideal dicotômico da família, do homem provedor, da mãe doméstica cuidando dos filhos, nunca existiu, mas nos foi apresentado como um modelo ideológico, ou seja, como ideal de família. O que temos, hoje, são homens e mulheres desempenhando diferentes papéis, independentemente do seu sexo, desmanchando,

portanto, na prática os modelos dicotômicos de papéis associados ao masculino e feminino.

***IHU On-Line* - É possível pensar numa sociedade sem pai?**

**Miriam Pillar Grossi** - Esta é uma longa discussão e reflexão no campo da Antropologia que tem estudado há mais de um século diferentes sociedades do planeta. O que posso afirmar é que na nossa sociedade o pai não está desaparecendo. O que temos é uma transformação de papéis que antes eram ditos de pai e de mãe. Mas não existe uma sociedade que possa viver sem esses papéis serem reatualizados permanentemente. É evidente que o pai, enquanto indivíduo que cumpre uma função social na constituição de um grupo social, a família, não vai acabar. É claro, também, que aquele modelo de pai tradicional, autoritário, que proíbe a mulher de trabalhar, já acabou. Ele não existe mais enquanto modelo valorizado socialmente. O que temos hoje são novas formas de paternidade que estão sendo exercidas pelos homens contemporâneos.

***IHU On-Line* - Então, muitas crianças convivem com famílias recompostas, na qual diferentes indivíduos cumprem o papel de pai ou mãe, independentemente do vínculo biológico. Essa convivência, sem a referência paterna do homem pode originar uma futura geração sem valores alusivos de paternidade?**

**Miriam Pillar Grossi** - É importante que as crianças tenham pessoas adultas que as queiram bem. Essa idéia de que a falta de pai seja a razão da “perda de valores” é equivocada. Na verdade, mesmo em famílias onde há um pai, socialmente reconhecido como tal, outras pessoas também cumprem papéis paternos, como, por exemplo, atualmente é o caso dos avós. Observamos que em famílias onde não há este pai, as crianças não ficam “desorientadas” pois têm múltiplas pessoas cumprindo esse papel para elas. A sociedade é mutável e está,

constantemente, em mudança. Enquanto antropóloga, eu parto do pressuposto de que as mudanças são graduais e, portanto, não há “crise de valores”, uma vez que estes valores estão em permanente mudança.

A sociedade ocidental pensa a família como um grupo constituído de pai, mãe, filhos, primos, avós, ligado a um modelo em que a questão biológica é o ponto central, ou seja, somos convictos que o que nos une a nossa família são os laços biológicos. Em outras culturas, esses agrupamentos familiares se organizam diferentemente, e o biológico não é muitas vezes determinante na configuração de quem é pai ou mãe. Em algumas sociedades, por exemplo, são os tios maternos e os homens que cumprem a função paterna.

***IHU On-Line* - Num dos seus trabalhos, a senhora faz referência à Suzana Funck, que propõe, em suas obras literárias, novos modelos de paternidade. Suzana escreve que a parentalidade deveria ser obrigatoriamente composta por um trio (dois homens e uma mulher ou duas mulheres e um homem). Essa utopia está de certa maneira fazendo parte da realidade das famílias brasileiras?**

**Miriam Pillar Grossi** - Lembremos que o trabalho de Susana Funck, que admiro muito, é sobre as utopias literárias em torno da maternidade e da paternidade. Ela não está falando de casos concretos, mas sim de personagens da literatura de língua inglesa. O que tenho observado nas pesquisas que fazemos sobre famílias no Brasil é que as crianças têm, atualmente, vários pais e mães. Se conversarmos com filhos de pais separados, por exemplo, eles vêem as mudanças familiares com bastante naturalidade. As crianças são capazes de incluir, na sua rede de parentesco, vários indivíduos adultos que cumpriram, ao longo da vida delas, essas funções paternas e maternas, seja porque são os pais e as mães biológicos, seja porque são os pais e as mães sociais. Então, na prática, ter dois pais e duas mães é

uma coisa bastante comum. Claro que não dessa forma como muitos romances utópicos colocam, ou seja, todos na mesma casa, vivendo relações triangulares e criando crianças a partir destas relações. Na maior parte dos casos, estas crianças têm vários pais e mães que se sucedem em sua vida, mas elas vão considerando-os

todos como parte de sua rede familiar e os denominam como pais ou mães (incluindo nesta denominação padrastos e madrastas, termos aliás já bem em desuso nas famílias recompostas brasileiras contemporâneas). De toda forma, o modelo de família que prevalece é o do casal binário.

## Pais: meros instrumentos do mercado?

ENTREVISTA COM BEATRIZ GANG MIZRAHI

*“O mundo do trabalho, hoje, não permite relações fortes e estáveis”, afirma a psicóloga Beatriz Gang Mizrahi, em entrevista por e-mail à IHU On-Line. Para ela, os pais estão expostos a uma sociabilidade frágil, e por isso estão com dificuldades em estabelecer vínculos de confiança com os filhos. Beatriz ressalta que os pais “têm medo de recusar qualquer demanda de trabalho para se dedicarem aos filhos e, por outro, tem receio de dizer não para as crianças num mundo em que se é solicitado a aceitar toda e qualquer exigência”. E alerta que a sobrecarga de trabalho dos pais faz com que as crianças fiquem expostas a outras referências “extra-familiares”, como os serviços de consumo.*

*Beatriz Mizrahi é especialista em Saúde Mental Infanto-Juvenil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e em Psicologia Médica pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). cursou mestrado em Psicologia Clínica pela PUC-Rio com a dissertação Trabalho e parentalidade: interferências do mundo da produção no ambiente facilitador. É aluna do curso de doutorado em Psicologia Clínica dessa mesma instituição. Confira a entrevista.*

**IHU On-Line - Quais são os principais impasses que o mundo globalizado traz para a família, em especial para a relação pai e filhos?**

**Beatriz Gang Mizrahi** - Eu diria que o mundo globalizado tem banalizado o desamparo. Temos assistido hoje ao desmonte generalizado das proteções sociais que davam um lugar relativamente seguro para o indivíduo na coletividade a partir de sua condição de trabalhador: emprego estável, aposentadoria, acesso à saúde e educação públicas, mecanismos de inclusão que hoje

estão se desfazendo. Estes mecanismos foram, durante muito tempo, preciosos, pois responderam ao anseio de liberdade do indivíduo surgido na modernidade sem deixar as pessoas inteiramente expostas aos caprichos do mercado, como no início do capitalismo. O ideal de proteção à infância, que emergiu também na modernidade, vem sofrendo abalos, já que os pais, expostos ao desamparo social, não encontram suportes externos para sustentar sua atitude de cuidado com as crianças. Como uma defesa diante dessa situação, a



família recorre a vários serviços pedagógicos especializados, com o intuito de aumentar a performance da criança e prepará-la para o mercado de trabalho. Esses serviços, assim como os produtos de consumo, não podem substituir as relações, e acabam trazendo para muitas crianças um sentimento de solidão e desamparo que se estende pela vida afora.

***IHU On-Line* - Com as mudanças no mundo do trabalho, como a senhora avalia a atuação do pai na construção da família? Ele ainda exerce um papel fundamental?**

**Beatriz Gang Mizrahi** - O mundo do trabalho se relacionou com a função dos pais de maneira ambígua desde o nascimento da sociedade industrial, e hoje essa ambigüidade chega ao seu ponto máximo. Desde a aurora da modernidade, as pessoas foram convocadas a sustentar a afetividade na esfera privada, com os filhos e os esposos, desde que não tenham grandes esperanças afetivas no espaço público e social. Isso foi, logo de saída, muito complicado: como manter o afeto em casa e, por outro lado, fazer essa casa funcionar segundo as regras impessoais e frias do mundo produtivo. A família deveria educar os filhos para se tornarem trabalhadores eficientes e, ao mesmo tempo, desenvolver uma rica intimidade doméstica. Temos aqui uma importante contradição. No entanto, enquanto a frieza do mundo do trabalho foi parcialmente contrabalançada pelas proteções sociais, esse ideal de afetividade entre pais e filhos encontrava ainda um mínimo respaldo na sociedade, que neutralizava parcialmente essa contradição. Agora, no entanto, os pais estão cada vez mais perdendo sua voz e tornando-se meros instrumentos do mercado. Isso porque a lógica econômica fria invade indiscriminadamente todos os espaços. Quanto mais enfraquecidos estão os pais, pela falta de suportes efetivos, mais eles recorrem aos especialistas em educação. Estes últimos muitas vezes culpam a família,

ao invés de enxergar o problema em toda a sua complexidade social. Os pais vão ficando submissos e as crianças acabam, com isso não tendo acesso ao ambiente cuidadoso e firme que precisam.

***IHU On-Line* - Que conseqüências o atual mundo do trabalho tem causado na relação entre pais e filhos?**

**Beatriz Gang Mizrahi** - O mundo do trabalho hoje não permite relações fortes e estáveis. Adaptar-se à precariedade, à instabilidade, às relações de curto prazo é um ideal do mundo do trabalho que não acompanha a necessidade de nossos filhos de construir conosco relações sólidas, onde haja espaço tanto para proximidade como para o conflito sem risco de ruptura. É muito difícil realmente para os pais passarem essa consistência e confiança em seus vínculos com os filhos se estão tão expostos a uma sociabilidade frágil lá fora. Por um lado, eles têm medo de recusar qualquer demanda de trabalho para se dedicarem aos filhos e, por outro, têm receio de dizer não para as crianças num mundo em que se é solicitado a aceitar toda e qualquer exigência. Com isso, a criança tende a ser privada tanto da intimidade com seus pais quanto daquelas “frustrações bem dosadas”, que lhe permitem, em contrapartida, o espaço necessário para viverem a própria autonomia.

***IHU On-Line* - Como é possível recolocar a parentalidade no diálogo com a esfera pública?**

**Beatriz Gang Mizrahi** - O diálogo com a esfera pública tem sido muito difícil num contexto em que a iniciativa política é tantas vezes esvaziada e substituída por regras econômicas impessoais. Não podemos levantar a bandeira do resgate da participação política e esperar que nossa realidade mude de um dia para o outro. Contudo, penso que se oferecermos aos pais um espaço de escuta compartilhada de seus problemas, vamos estar oferecendo a eles algo muito precioso. A parentalidade,



nesse momento, não é imposta de fora pelos especialistas e pelo mercado, mas torna-se uma experiência criativa construída nas trocas e discussões. No que diz respeito à escuta psicológica, o simples fato de o profissional que ouve os pais legitimar as dificuldades que o trabalho coloca na relação com filhos já faz uma diferença política. Escutados por nós, os pais se tornam mais capazes de reconhecer lá fora os contextos sociais mais amplos que podem levá-los em consideração.

***IHU On-Line* - Quando a senhora diz que a parentalidade pode ser uma experiência mais ampla, entende-se que atualmente o cuidador não precisa ser necessariamente pai ou mãe?**

**Beatriz Gang Mizrahi** - Quando me refiro à parentalidade como experiência mais ampla, estou dizendo que existe uma satisfação pessoal que podemos sentir quando cuidamos de outras pessoas, mesmo que elas não sejam nossos próprio filhos. Quando fazemos isso, recriamos o cuidado que um dia recebemos de nossos pais ou de outras pessoas, dando-lhe um colorido próprio e único. Esse tipo de vivência criativa é importante porque sem ela não conseguimos de fato ser bons pais e mães. Ao mesmo tempo, essa parentalidade criativa só pode se dar se os pais não tiverem que responder passivamente às regras sociais, mas puderem participar ativamente de sua criação.

***IHU On-Line* - Por que a senhora afirma que apenas um movimento de troca entre a esfera pública e a privada pode permitir que a parentalidade se torne uma experiência rica, e não uma mera imposição na vida de cada um?**

**Beatriz Gang Mizrahi** - Não podemos atingir plenamente uma afetividade rica na relação com os filhos em espaços sociais ocupados por uma lógica fria de mercado, cega às necessidades afetivas tanto das crianças quanto dos adultos. Se não dialogamos com os espaços públicos, eles se reificam e se impõem a nós como fatos intransponíveis. Nesse sentido, sustentar essa troca entre o público e o privado é buscar caminhos para uma parentalidade que não se submete passivamente às exigências externas, nem tampouco submete seus filhos. Não se trata, é claro, de acusar os pais e cobrar deles que mudem o mundo sozinhos, mas de acenar para a importância desses espaços intermediários onde o público e o privado não estão em posições antagônicas, mas se alimentam reciprocamente.

***IHU On-Line* - Em que medida a sobrecarga de trabalho tem influenciado na concepção da família como referência principal?**

**Beatriz Gang Mizrahi** - De fato, a sobrecarga de trabalho dos pais faz com que as crianças fiquem mais expostas a muitas outras referências extra-família: creches, escolas integrais, serviços especializados e de consumo. Contudo, esse fato parece não ter deixado as crianças realmente mais livres e autônomas. Esses substitutos exigem freqüentemente delas que se virem sozinhas permanentemente, lutando, de forma incessante, para a aquisição da performance educativa esperada. Podemos reconhecer nesse problema o paradoxo de que a liberdade do indivíduo, seja ele criança ou adulto, depende fundamentalmente de suportes sociais consistentes, e não de uma disputa solitária e incerta pelo próprio lugar ao sol.

# Novos arranjos familiares: qual é papel do pai na família contemporânea?

ENTREVISTA COM ANDRÉA SEIXAS MAGALHÃES

*Para a psicóloga e professora da PUC-Rio, Andréa Seixas Magalhães, na contemporaneidade, a “paternidade tem sido permanentemente desafiada”. Ela explica que os diferentes arranjos familiares, constituídos nos últimos anos, estão contribuindo para as transformações no exercício da paternidade. Ela também destaca que as vivências atuais, entre pai e filhos, influenciarão e “moldarão os modelos paternos futuros”. Andréa Seixas Magalhães é mestre e doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Atualmente, Andréa é membro efetivo da Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo do Estado do Rio de Janeiro - SPAG-E RIO.*

*Andréa concedeu a entrevista a seguir, por e-mail, à IHU On-Line. Confira:*

**IHU On-Line** - Quais são as implicações e desafios do exercício da paternidade atualmente? Há diferenças entre o pai de uma família monoparental, biparental ou reconstituída?

Andréa Seixas Magalhães - Considerando as mudanças aceleradas e fluidas da sociedade contemporânea e a transformação dos padrões tradicionais familiares, parâmetros de referência para o desempenho dos papéis parentais nas décadas anteriores, a paternidade tem sido permanentemente desafiada. Os diferentes arranjos familiares da atualidade, famílias monoparentais (feminina ou masculina), biparentais (hetero ou homossexuais) e reconstituídas, impõem transformações no exercício da paternidade. Nos múltiplos arranjos familiares encontrados, as regras familiares, os valores, os modos de expressão dos afetos, a hierarquia, assim como as metas familiares, constituem-se diferentemente. Ressalto que o tipo de arranjo familiar não determina a possibilidade de criar filhos emocionalmente saudáveis. Contudo, as diferentes

condições familiares influenciam o modo de exercer a paternidade.

**IHU On-Line** - Após o divórcio, como fica a relação entre pai e filhos? O pai divorciado ganha uma nova função na sociedade contemporânea?

Andréa Seixas Magalhães - Na sociedade contemporânea, o pai divorciado freqüentemente enfrenta a dificuldade de manter um contato mais próximo com os filhos (nos casos em que não tem a guarda dos filhos) e vê-se diante da necessidade de desenvolver tarefas que, anteriormente, eram atribuições da mãe. Por outro lado, os homens contemporâneos já vêm desenvolvendo habilidades que, na sociedade tradicional, eram quase exclusivas das mulheres. Uma das funções mais importantes do pai divorciado é fortalecer o vínculo parental, mantendo uma relação afetiva, íntima e segura com seus filhos.

**IHU On-Line** - Com a separação conjugal, muda

também a concepção de família e de parentalidade?

**Andréa Seixas Magalhães** - Enfatizamos que a separação conjugal dissolve o subsistema conjugal, mas o subsistema parental, embora sofra alterações, não deve ser dissolvido. Isso quer dizer que temos ex-marido e ex-mulher, mas não há ex-pai e ex-mãe. Os papéis parentais devem ser preservados no sistema familiar. Com a separação conjugal, freqüentemente, a comunicação entre os pais muda e os afetos também. Mas os pais necessitam compartilhar decisões importantes sobre a criação dos filhos, sobre projetos e metas educativas, assim como estar presentes em muitos momentos importantes da vida desses. A vivência da separação conjugal, sem dúvida, altera a concepção de família dos membros familiares envolvidos, sobretudo pais e filhos.

**IHU On-Line** - Alguns especialistas dizem que o contato dos filhos com o pai é importante para que a criança construir sua identidade. Como fica essa questão da construção da identidade numa sociedade em que nem sempre os filhos são criados pela figura paterna?

**Andréa Seixas Magalhães** - A construção da identidade depende de inúmeros fatores. A relação com os pais é um dos fatores mais importantes desse processo. O fato de não ser criado pelo pai não elimina a figura paterna na criação. O pai pode ser muito presente na criação dos filhos, dentro e/ou fora de casa. A qualidade da relação parental não é medida pelo tempo de co-habitação. A convivência é um fator importante, na medida em que o compartilhamento de experiências é necessário para a consolidação do vínculo. Ademais, outras pessoas emocionalmente significativas para a criança também participam nesse processo de construção da identidade.

**IHU On-Line** - Se o pai é visto como referência na concepção do universo masculino, como a masculinidade pode ser construída numa sociedade sem pai?

**Andréa Seixas Magalhães** - Considero que, na sociedade contemporânea, há uma série de transformações nas noções de masculinidade e de paternidade. Contudo, discordo da idéia de uma “sociedade sem pai”. O pai continua sendo uma referência importante de masculinidade. Ressalto, ainda, que a construção da masculinidade também é transmitida pelas mães, a partir do modo como elas percebem a masculinidade.

**IHU On-Line** - O exercício da paternidade atual irá influenciar na criação de um modelo paterno no futuro? De que maneira?

**Andréa Seixas Magalhães** - Sim. As vivências e percepções da paternidade atual modularão os modelos paternos futuros, considerando que esses modelos são transmitidos consciente e inconscientemente.

**IHU On-Line** - Quais são as principais mudanças que estão ocorrendo na concepção de paternidade nos últimos anos?

**Andréa Seixas Magalhães** - As principais mudanças na concepção de paternidade estão relacionadas às mudanças nas relações de gênero e às mudanças nos arranjos conjugais e familiares. O mundo atual é veloz, pautado por valores individualistas e pelo culto ao prazer. O laço conjugal se mantém na medida da satisfação dos parceiros e os modos de obter satisfação e prazer são cada vez mais diversificados. A família se transforma também em decorrência das mudanças na conjugalidade. Os cônjuges são considerados os arquitetos da família. As relações de gênero tendem a ser mais igualitárias, e as diferenças entre os papéis parentais também tendem a ser menos nítidas. Além disso, a desconstrução de estruturas sociais hierárquicas mais amplas reflete-se sobre a autoridade parental.

## “Os papéis de pai e mãe são muito relevantes”

ENTREVISTA COM MARCELO SPALDING VERDI

*As estruturas familiares estão em constante mudança, afirma o psicólogo Marcelo Spalding Verdi, em entrevista à IHU On-Line. De acordo com o psicólogo, as transformações sociais contribuíram para que as famílias do mundo ocidental se tornassem “agrupamentos mais complexos no que se refere aos vínculos e às relações econômicas entre seus membros”.*

*Verdi destaca que a mudança do termo paternidade para parentalidade sugere a valorização “da efetiva participação dos pais no crescimento dos filhos”.*

*Marcelo Spalding Verdi é graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) com a tese Nível de conflito em diferentes áreas do relacionamento conjugal e qualidade do ajustamento conjugal. É, também, especialista em Psicologia Jurídica e em Psicologia Escolar Educacional, bem como terapeuta de casal e família. Atua na Clínica Interdisciplinar Maud Mannoni (CMM), em Porto Alegre, e na Defensoria Pública do Estado do Rio Grande do Sul. É um dos organizadores de Cenas da infância atual: a família, a escola e a clínica (Ijuí: Unijuí, 2006).*

*Confira a entrevista, concedida por e-mail à IHU On-Line:*

**IHU On-Line - Na sociedade contemporânea, o que caracteriza e constitui uma família? Ainda é possível se falar em modelos familiares? Por quê?**

**Marcelo Spalding Verdi -** O modelo predominante, hoje, ainda é o da família nuclear. Podemos dizer que esse modelo substituiu, no decorrer do processo de consolidação da sociedade industrial, o modelo das grandes famílias extensas de estrutura patriarcal. No momento em que a sociedade foi tornando-se mais tecnológica e globalizada, também as famílias, no mundo ocidental, tornaram-se agrupamentos mais complexos no que se refere aos vínculos e às relações econômicas entre seus membros. Estamos, atualmente, construindo

novas possibilidades de experiência familiar: simultaneamente às famílias nucleares, que são as entidades constituídas por pelo menos um adulto e seus filhos, economicamente independentes de suas famílias de origem, existem famílias com configurações diversas - binucleares, homoafetivas, transgeracionais -, além de um número de pessoas que optam por viver sozinhas. Nesse sentido, falar em configurações familiares mostra-se mais apropriado para caracterizar as famílias contemporâneas do que em modelos familiares. Mas é importante salientar que a família também pode ser definida a partir de seu aspecto subjetivo, ou seja, de um senso pessoal de pertencimento ou identidade

com relação a outras pessoas que ocupam um lugar especial de referência tanto para a constituição psíquica quanto social. A família continua sendo a célula básica da sociedade, mas essa afirmação não tem qualquer conotação moral. Ela é a célula básica porque tem uma função, ainda sem substituto à altura, de operar a transição do bebê humano da natureza para a sociedade, por meio da intermediação da cultura.

***IHU On-Line - Os papéis de pai e mãe ainda são relevantes dentro das novas estruturas familiares?***

**Marcelo Spalding Verdi** - É devido justamente a esse aspecto subjetivo especial que os papéis de pai e mãe são fundamentais: estamos falando da própria fundação da subjetividade da criança. Podemos dizer que a família caracteriza-se, também, por uma diferença de posição de alguns membros em relação aos outros. Alguns chamam a atenção para uma diferença de hierarquia, mas não é só isso - é, acima de tudo, uma condição para o cumprimento de uma função em relação aos outros. Essa função é a de dar uma existência além da biológica aos filhos, uma existência psicológica, um lugar no mundo simbólico. Cabe dizer, até, que os papéis de pai e mãe são muito relevantes, enquanto as estruturas familiares nem tanto.

***IHU On-Line - Que importância as figuras de parentalidade exercem junto à criança e sua formação psicossocial?***

**Marcelo Spalding Verdi** - Pai e mãe exercem duas funções fundamentais do ponto de vista da constituição psíquica da criança: acolhimento e interdição. A apropriação, pela criança, dos recursos que lhe permitirão interagir com a sociedade depende dessas funções. Seus pais devem lhe proporcionar, por um lado, acolhimento, cuidados, apego, contato, nutrição, carinho, dedicação, conforto e totalidade e, por outro, interdição, corte, limite, restrição, castração, ruptura,

impedimento e falta. Da experiência de acolhimento resulta uma confiança básica para estar no mundo, da interdição, o reconhecimento do outro e a condição para a autonomia. O que deve ser destacado é que, se essas funções são fundamentais, seus agentes não precisam, necessariamente, ser os pais da criança, porque essas tarefas se efetivam num plano simbólico. Seus efeitos resultam da inclusão da criança numa rede simbólica de significações. Dessa forma, são pais das crianças aqueles que assumem essas funções e, por meio delas, efetuam uma transmissão de ordem pessoal, singular e única.

***IHU On-Line - Ao longo dos anos, o conceito de paternidade passou a ser repensado e substituído por parentalidade? O que isso afeta, de modo prático, na criação dos filhos?***

**Marcelo Spalding Verdi** - O uso mais recente do conceito de parentalidade não afeta diretamente a criação dos filhos, antes ele sinaliza uma ampliação na concepção da paternidade. O termo paternidade estaria mais associado à condição de ser pai, ao fato em si, e à parentalidade, ao exercício, ao papel dos pais, tanto do pai como da mãe. O uso da expressão parentalidade busca contemplar o crescente deslocamento para um segundo plano da importância dada ao vínculo biológico entre pais e filhos em favor da valorização da efetiva participação dos pais no crescimento dos filhos.

***IHU On-Line - É correto afirmar que pai e mãe têm responsabilidades características, ou isso cai por terra em função das novas configurações familiares?***

**Marcelo Spalding Verdi** - Isso faz sentido enquanto a sociedade ainda se mostra pautada pela diferença sexual. Na medida em que ainda são atribuídas características psicológicas distintas ao homem e à mulher, que se espera que meninos se comportem de um modo típico e meninas de outro, também será cobrado que, na família, a mãe cumpra o suposto papel de

mulher (cuidados, compreensão...) e o pai, o de homem (exigência, limites...). Confia-se numa sintonia entre a família e esse discurso da diferença sexual para que fique garantida, para a criança, sua adaptação na sociedade. Claro que isso se faz, hoje, de uma maneira mais flexível do que anteriormente, mas ainda é uma referência para a subjetividade. Essa flexibilidade, todavia, não deixa de ser um sinal de novidades, cujo alcance ainda não temos condições de dimensionar.

**IHU On-Line - Vivemos em uma sociedade onde o pai vem perdendo espaço na construção da família? Por quê?**

**Marcelo Spalding Verdi** - O que tem acontecido é um enfraquecimento do discurso paterno de um modo geral, uma espécie de crise do masculino, um esgotamento da sociedade patriarcal. Também na família isso ocorre, pois a família, embora fundamental na constituição psíquica do sujeito, não é autônoma em relação à sociedade. E as mudanças ocorrem porque a humanidade segue em busca de amenizar a angústia que decorre de sua condição de civilizada. Depois da hegemonia do discurso paterno na sociedade e da prevalência do modelo patriarcal na família, o homem ocidental viu nessa condição um impedimento à sua satisfação. Certamente, foram o sofrimento e a insatisfação que impulsionaram a sociedade em direção à mudança. Dificilmente esse movimento vai cessar algum dia.

**IHU On-Line - Como as novas configurações familiares se refletem nos valores que se desenvolvem entre jovens e crianças?**

**Marcelo Spalding Verdi** - Por um lado, as novas configurações promovem uma aceitação das diferenças e da diversidade. Por outro, refletem as tendências individualistas da sociedade contemporânea, o que tem colocado em risco o tecido social. Esse é o ponto negativo, especialmente num país como o Brasil, onde as

desigualdades e a injustiça acabam autorizando a busca de alternativas anti-sociais. Mas a responsabilidade pela reversão dessas tendências não pode ser delegada apenas às famílias. Creio que às instituições no Brasil caberia o papel de desencadear um processo de valorização simultânea da diversidade e da ética.

**IHU On-Line - A família contemporânea continuará em permanente transformação? O que significará a paternidade daqui alguns anos?**

**Marcelo Spalding Verdi** - As mudanças são inevitáveis. Mas a paternidade deverá seguir associada a sua função de transmitir os códigos de acesso à cultura aos filhos, entretanto cada vez mais desvinculada dos laços biológicos e dos valores masculinos como hoje os entendemos.

**IHU On-Line - Alguns especialistas supervalorizam a presença do pai na vida dos filhos. Está surgindo uma nova concepção de paternidade? Quem é o pai contemporâneo?**

**Marcelo Spalding Verdi** - Existe um novo discurso em relação à paternidade: o ideal passou a ser um pai participativo, afetivo e com autoridade. Essa autoridade não decorre de direitos superiores, mas de sabedoria, senso de justiça e preocupação com os filhos. Claro que todo mundo gostaria de ter um pai assim, para si e para os outros. Na vida real, todavia, existem diversos tipos de pais contemporâneos, o que continua a nos fazer sonhar com o ideal.

**IHU On-Line - Como o homem contemporâneo tem lidado com a questão da paternidade? Ele está preparado para ser pai?**

**Marcelo Spalding Verdi** - Ele segue idealizando a paternidade. Alguns tomam o ideal como modelo, outros recusam o papel devido à impossibilidade de atingir o modelo. Muitos têm tratado de usufruir da experiência



da paternidade, de tomá-la como uma oportunidade de enriquecimento afetivo de um modo como as gerações de pais anteriores não souberam fazer. Mas a influência do individualismo também é grande: muitos não querem ser pais, muitos não conseguem renunciar à busca de sua

satisfação pessoal em favor de um filho. Em geral, há a insegurança quanto a ser capaz de garantir que os filhos cumpram a expectativa contemporânea de sucesso e felicidade num mundo pleno de incertezas.

## “A mudança nos paradigmas da família reflete-se nos vínculos de parentalidade”

ENTREVISTA COM CLÁUDIA VALLE SIGARAN

*“Na família contemporânea, ter pai e mãe não deixou de ser importante. O que mudou é a consciência de que esta não é a única maneira de constituir uma família. O que importa é que, nas mais diversas configurações familiares, possa existir alguém que assegure a existência de um vínculo afetivo que dê conta das necessidades básicas para um desenvolvimento saudável da criança. Na psicologia, chamamos isso de função paterna e função materna, as quais, necessariamente, não precisam ser exercidas por um homem e uma mulher, unidos legalmente pelo matrimônio, como antigamente se acreditava.” Essas declarações fazem parte da entrevista a seguir, concedida pela psicóloga Cláudia Valle Sigaran à IHU On-Line, por e-mail. Sigaran é psicóloga e mestre em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atua, além disso, como terapeuta de casal e família e é coordenadora de ensino da Clínica de Psicoterapia Instituto de Mediação (CLIP), em Porto Alegre.*

**IHU On-Line - Como o pai tem sido reconstruído pela psicologia no século XXI?**

**Cláudia Sigaran** - Até alguns anos atrás, cerca de sete, oito anos, as pesquisas em psicologia ainda priorizavam o estudo e maior conhecimento da influência da função e do papel materno no desenvolvimento da criança. Hoje em dia, a participação paterna na vida afetiva e educacional dos filhos é cada vez maior, fato influenciado pela mudança dos papéis da mulher na sociedade (no trabalho, na família, na política etc.) e pelo advento do divórcio. Ocupando funções que antes

eram ditas “masculinas”, a mulher abre espaço para a participação do homem na vida familiar, espaço antes considerado “feminino”. Desta forma, o pai está tendo mais oportunidades para aproximar-se do filho sem o “filtro” feminino e mais espaço para trazer para casa não somente o sustento financeiro, mas também o sustento afetivo e educativo. Cada vez mais, o pai não só auxilia, mas divide as tarefas domésticas e participa do cuidado da prole. Esse crescente envolvimento tem levado o homem a reivindicar uma atuação mais efetiva na vida



do filho. Isso mesmo quando os pais deixam de viver sob o mesmo teto. Se observarmos as reuniões de pais nas escolas, veremos um número quase que similar de pais e mães presentes, ambos interessados em participar da vida do filho. Sendo assim, a psicologia passou a ampliar seu olhar sobre a família e sobre o desenvolvimento da criança, trazendo o pai para seu campo de estudo.

***IHU On-Line* - De que maneira a psicologia tem contribuído para esclarecer as mudanças do conceito de pai no mundo moderno?**

**Cláudia Sigaran** - À medida em que busca compreender as mudanças ocorridas na vida familiar nos últimos tempos, a psicologia tem iluminado, entre outras coisas, a necessidade da presença parental na vida das crianças, como alguém que deve trazer o limite, representar a norma, que necessita exercer seu dever e seu direito de cuidar e oferecer como modelo para o filho.

Com o surgimento das novas configurações familiares, como as famílias recasadas, monoparentais, famílias com união homoafetivas, famílias com filhos através da inseminação artificial, ou com filhos conseguidos através da adoção, cada vez mais tem estado em pauta a discussão sobre a diferença entre ser o progenitor biológico e ou aquele que exerce a “função parental”.

Diante dessa amplitude de possibilidades, já não é mais possível explicar a figura do pai como sendo aquele que “cedeu o espermatozoide”, ou seja, é importante ir além do campo genético. Uma vez ampliado o foco, percebe-se que é o vínculo afetivo que une, realmente, duas pessoas, que faz alguém sentir-se filho e outro alguém sentir-se pai. O envolvimento emocional é maior do que um envolvimento genético. É o elemento emocional, o sentimento de amor que gera, genuinamente, uma responsabilidade e comprometimento mútuo entre pai e filho. No entanto, apesar de todas estas transformações, muitos homens ainda se comportam como meros “fornecedores de esperma”.

***IHU On-Line* - Idade, sexo e gênero são algumas variáveis que constroem a “gramática” do parentesco como regra para a inserção na sociedade. A mudança dos termos paternidade ou maternidade para parentalidade demonstra que essas variáveis deixaram de ser o ponto fundamental para a ligação de parentesco?**

**Cláudia Sigaran** - Antes do termo “parentalidade”, utilizava-se o termo “paternidade” para referir-se ao vínculo entre pais/mães e filhos. Era ainda um termo baseado em uma sociedade tradicional e machista. Hoje, o termo parentalidade traz consigo a idéia do vínculo afetivo entre duas pessoas. A mudança nos paradigmas da família reflete-se nos vínculos de parentalidade, levando à crença de que a filiação é identificada pela presença de um vínculo afetivo paterno-filial.

***IHU On-Line* - A parentalidade não necessariamente exige um vínculo sanguíneo entre as pessoas. Isso quer dizer que a função paterna não precisa, exclusivamente, estar ligada à genitalidade? Existe a necessidade de alguém desempenhar uma “função paterna”?**

**Cláudia Sigaran** - Sim, a presença de alguém, na vida da criança, que exerça a função paterna, é fundamental para o desenvolvimento do senso de limites e normas na vida da criança. As adequadas frustrações impostas pela função paterna, pela colocação de limites e pelo reconhecimento das limitações e pela aceitação das diferenças promovem a necessária, embora dolorosa, passagem do princípio do “prazer-desprazer” para o da “realidade”. Da mesma forma, as frustrações promovem um estímulo às funções do ego da criança, especialmente a formação da capacidade para pensar. Um dos grandes problemas dos jovens da atualidade é justamente a falta de alguém que exerça essa função parental de forma mais efetiva em suas vidas. Por isso, observamos uma

juventude com muita dificuldade de respeitar normas, regras, limites, de postergar seu prazer em detrimento do outro...

**IHU On-Line - Com o conceito de parentalidade, ter pai e mãe deixou de ser fundamental para a construção da família moderna?**

**Cláudia Sigaran** - Na família contemporânea, ter pai e mãe não deixou de ser importante. O que mudou é a consciência de que esta não é a única maneira de constituir uma família. O que importa é que, nas mais diversas configurações familiares, possa existir alguém que assegure a existência de um vínculo afetivo que dê conta das necessidades básicas para um desenvolvimento saudável da criança. Na psicologia, chamamos isso de função paterna e materna, funções estas que, necessariamente, não precisam ser exercidas por um homem e uma mulher, unidos legalmente pelo matrimônio, como antigamente se acreditava. É fundamental para o desenvolvimento da criança que ela seja acolhida por pessoas que lhe assegurem proteção,

garantam sua sobrevivência, educação, transmitam afeto, que se comprometam com ela.

**IHU On-Line - As novas gerações não sentem falta de ter uma identificação biológica? Os indivíduos têm deixado de se definir socialmente em termos de parentesco?**

**Cláudia Sigaran** - A paternidade hoje não é caracterizada pelo simples fator biológico ou por força do judiciário, do legal, mas em decorrência de elementos que somente estão presentes a partir de uma convivência afetiva. Mas isso não quer dizer que conhecer a herança biológica tenha deixado de ser importante. No entanto, já não é mais vista como o fator prioritário. A identificação do afeto passou a ter maior relevância. Sentir-se capaz de se fazer amar e ser amado através do olhar do cuidador, ser reconhecido por alguém - tudo isso ganhou maior importância. E em todos os âmbitos: familiar, judiciário, social.

# Transformações na paternidade: quem é o pai na família do século XXI?

ENTREVISTA COM MARILENE MARODIN E TÂNIA VANONI POLANCZICK

*Na cultura ocidental, a função paterna sempre esteve atribuída ao pai. No entanto, Jacques Lacan, em seus estudos, sinaliza que “a figura do pai está desgastada, em declínio”, explicam as psicólogas Marilene Marodin e Tânia Vanoni Polanczick, na entrevista concedida, por e-mail, à IHU On-Line.*

*Compartilhando das mesmas situações sociais de trabalho, igualdade, direitos e deveres, “pais e mães estão imersos e perdidos no turbilhão do consumo, desorientados com as exigências de igualdade com os filhos, ameaçados de virarem nada, caso sejam rejeitados pelo mercado”, advertem as psicólogas.*

*Psicóloga, psicoterapeuta de casal e família, mediadora, fundadora e diretora da Clínica de Psicoterapia e Instituto de Mediação (CLIP) de Porto Alegre, Marilene Marodin é membro do Conselho Diretor na Diretoria Estadual do Instituto Brasileiro de Direito de Família IBDFAM/RS, presidente do INAMA-RS (Instituto Nacional de Mediação e Arbitragem) e co-autora com John Haynes do livro Fundamentos da mediação familiar (Porto Alegre: Artes Médicas, 1997).*

*Tânia Vanoni Polanczick é psicóloga, terapeuta de casal e família e pós-graduada em serviço social da família. Entre 1974 e 1999, foi orientadora judiciária do Juizado da Infância e da Juventude de Porto Alegre (RS). Tânia também atuou como co-autora do projeto NAS (Núcleo de Atendimento Familiar Judiciário). Confira a entrevista.*

**IHU On-Line - Quais são as heranças de Freud e Lacan para a construção e conceito de paternidade que se tem hoje?**

**Marilene Marodin e Tania Vanoni Polanczick -** Freud<sup>1</sup> e Lacan<sup>2</sup> reconhecem o pai como figura que impõe a lei,

<sup>1</sup> Sigmund Freud (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise.

---

Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a idéia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias, e seu tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 170 da *IHU On-Line*, de 8-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título **Sigmund Freud. Mestre da suspeita**, e a edição 207, de 04-12-2006 o tema de capa Freud e a religião. O cadernos IHU em formação, nº 16, também tratou sobre o tema, com o título **Quer entender a modernidade? Freud explica**, que está disponível no sitio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)). (Nota da *IHU On-Line*)

instaura a ordem e, assim o fazendo, introduz o sujeito em um universo simbólico, fundamental para sua estruturação psíquica.

Lacan estabeleceu a diferença entre o significante pai, sua representação e sua figura física, e destacou a importância da função paterna, que pode ser exercida na ausência da figura, ou seja, a função transcende a imagem. Mesmo apontando a fragilidade da figura paterna - disse que não há pai à altura de sua função e, também, que o maior predicado do pai é a sua falta -, afirmou que a função paterna, primordial, é romper o vínculo narcisista com a mãe. E, deste modo, operar a castração, interditar o sexo, o gozo, ordenando a constituição subjetiva do sujeito.

Freud e Lacan ressaltaram o sentido simbólico da função paterna, que pode ser exercida pelo pai, pela mãe, ou por outra pessoa (ou instituição), sempre sem excessos nem faltas.

Na nossa cultura, sempre coube ao pai, pelo menos formalmente, a função paterna. Mas, adverte Lacan, a figura do pai está desgastada - em declínio, diz ele. Quem, então, é o agente que, na atualidade, sustenta a importantíssima função de castração, já que, sem ela, sem a interdição do gozo absoluto, ficamos diante da ilusão de tudo poder, do narcisismo absoluto, da barbárie?

O social, no declínio da função paterna que vemos hoje, vem suprindo a falta do pai. Os pais, e também as mães, estão imersos e perdidos no turbilhão do consumo, desorientados com as exigências de igualdade com os filhos, ameaçados de virarem nada, caso sejam rejeitados pelo mercado, com suas subjetividades

---

<sup>2</sup> Jacques Lacan (1901-1981): psicanalista francês. Lacan fez uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor (descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas esta é apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. (Nota da *IHU On-Line*)

tomadas pelo temor do fracasso, conformados em evitar o desprazer e obter pequenos momentos de prazer.

Que modelos identificatórios produzem esta realidade? Indivíduos centrados em si mesmos, narcisistas, submetendo-se não aos pais, mas aos amigos e às suas pulsões (instintos).

***IHU On-Line - Quais são as rupturas ocorridas na mudança da família tradicional (pai, mãe e filhos) para a família do século XXI, que não exige a presença de pai e mãe?***

**Marilene Marodin e Tania Vanoni Polanczick -** Partimos do pressuposto de que não existe uma família genérica. A família genérica é uma abstração, passível apenas de descrições. Para a compreensão da família, faz-se necessária uma visão ecossistêmica, que considera fatores como gênero, classe social, geração e multiplicidade étnico-cultural, que constituem a sociedade, especialmente a brasileira. Este pressuposto permite que respeitemos as diferenças que existem nas famílias e que, frente à determinada família, nos questionemos sobre “que família é esta?”; “em que momento do seu ciclo de vida encontra-se ela?”; “que tipo de vínculos une seus membros?”.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou recentemente que, nas últimas décadas do século XX, a família brasileira apresentou algumas mudanças, entre as quais a queda substancial do seu tamanho, o aumento do número de famílias constituídas de mulheres sem cônjuge e seus filhos, além do aumento do número de famílias, cujas pessoas de referência são mulheres.

Sabemos que as exigências da vida moderna criaram grandes dificuldades para os pais proverem as necessidades materiais da família. A mulher, que antes cuidava da casa e dos filhos, foi obrigada a sair e enfrentar o mercado de trabalho. A substituição do convívio na família extensa pelo convívio na família

nuclear, composta de pai, mãe e filhos, aliada às conquistas obtidas pelos movimentos feministas, às transformações sócio-culturais, à dificuldade em delimitar fronteiras entre o que é público e o que é privado, entre o que é pessoal e o que é familiar, acarretaram variados efeitos sobre a família.

Nenhuma destas circunstâncias, porém, levam os filhos a prescindir de seus pais. A presença dos pais, do pai e da mãe, é estruturante do elemento irreduzível, que é transmitido por eles aos filhos: colocar a lei onde há desejo. Isto só é possível quando a mãe nomeia o pai e este se coloca como agente da castração, que é a própria lei.

A família se reorganiza evolutivamente para adaptar-se às mudanças vinculadas a progressos científicos, econômicos, culturais e sociais, numa complexidade que cria novas formas de configurações familiares.

Esta plasticidade, observada nas diferentes estruturas encontradas nos dias de hoje, nos leva a interrogações como: “Que conseqüências implicam estas novas estruturas familiares para o bem estar dos seus integrantes?”, “Como é sua interação com outros segmentos da sociedade?”, “Como nós, profissionais, podemos entender e trabalhar com estas diversidades e com as variações encontradas no interior das novas famílias?”.

Por variações entende-se as diversas configurações familiares: nuclear, monoparental, extensa, reorganizada ou reconstituída, aglomerada, em comunidade, em abrigagem, poligâmica, homoafetiva.

***IHU On-Line - Que fatores contribuíram para que acontecessem mudanças na formação da estrutura familiar?***

**Marilene Marodin e Tania Vanoni Polanczick** - A vida moderna empurrou mulheres e homens para a mesma luta. As leis deram igualdade de direitos e deveres a mulheres e a homens, diminuiu o poder patriarcal,

crescendo o poder da mulher e dos filhos. Assim como as mulheres têm obtido cada vez mais espaços fora da família, em todas as esferas da vida social, os homens têm conquistado mais e legítimos espaços dentro da família e na educação dos filhos. Por outro lado, extinguiu-se o papel da família como unidade econômica de produção; as separações e os divórcios ocasionaram uma diversificação das estruturas familiares, antes basicamente nucleares; a desvinculação sexo-procriação, as relações mais simétricas e eqüitativas entre o par conjugal, bem como a maior longevidade das pessoas, contribuíram para mudanças significativas na formação da estrutura familiar. No Novo Código Civil, a expressão “pátrio poder” foi substituída por “poder familiar”, que pode ser exercido pelo pai ou pela mãe.

Embora existam dificuldades, observa-se em muitos pais uma maior consciência da importância da sua função na formação da personalidade dos filhos, meninos ou meninas. Hoje não se pensa mais, como há alguns anos pensava-se, que o principal fator constituinte da personalidade do sujeito é sua relação com a mãe e que a função do pai restringe-se a prover e proteger a família. Os profissionais da Psicologia têm produzido estudos cujo resultado, acessível a todas as pessoas e amplamente divulgado, aponta as graves repercussões - limitações no desenvolvimento e, mesmo, patologias - ocasionadas pela ausência do pai e da mãe no cotidiano dos filhos.

***IHU On-Line - As mudanças nos padrões de relacionamento entre os indivíduos na relação familiar são reflexos de uma crise da sociedade contemporânea ou uma superação da visão de homem e de mundo tradicionais, já ultrapassados?***

**Marilene Marodin e Tania Vanoni Polanczick** - Podemos dizer que crise é um período de tensão e conflito que aparece periodicamente na vida de todos os indivíduos e de todos os grupos sociais. Toda crise

provoca uma ruptura temporária do equilíbrio do indivíduo ou grupo e a conseqüente necessidade de reorganização, o que demanda a busca de novas regras de funcionamento.

A crise pode ser bem negativa, patológica até, quando é crônica, quando desorganiza e imobiliza. Porém, a crise é positiva quando provoca reorganização. Neste caso, ela é o oposto do estado patológico (de desorganização), constituindo-se em um tempo especial, de novas definições, de novos planos de vida.

Estamos vivendo o que se tem chamado de pós-modernidade, um período histórico, de reflexão, produto do desencanto das pessoas com a perda dos sonhos e das certezas criados pela modernidade. Estamos refletindo - e esta entrevista é uma reflexão - e nos perguntando qual será o futuro da sociedade e da cultura (cultura aqui entendida como os saberes que, entre outras coisas, tornam o homem capaz de satisfazer suas necessidades e regular suas relações). A pós-modernidade está impondo o culto à imagem, o imediatismo, o individualismo, o consumo, o gozo.

A família pós-moderna, não somente nas classes mais abastadas, tem uma nova lógica, que tende ao individualismo, à fragmentação, à realização pessoal, ao despreendimento dos vínculos estáveis. Isto tudo produz egos inseguros, que leva os indivíduos a estabelecer padrões de relacionamento superficiais, baseados em aparências. No entanto, nossa visão otimista do ser humano e a constatação do seu sofrimento nos fazem acreditar que esta é uma crise que pode ser positiva. O modelo de vida pós-moderno provoca insatisfação, recompensas fugazes, solidão, dores que os indivíduos não podem tolerar indefinidamente.

***IHU On-Line - Com a reorganização da família contemporânea, como passa a ser visto e pensado o exercício da função paterna atualmente?***

**Marilene Marodin e Tania Vanoni Polanczick -** A realidade tem mostrado o crescente número de separações e divórcios. Nos consultórios, identificamos que as visitas quinzenais dos pais separados aos filhos acarretam angústias e sofrimentos para ambos e podem resultar em efeitos devastadores para os filhos. Todos os estudos indicam que a preservação do vínculo pai-filhos possibilita o saudável desenvolvimento das crianças.

Os dados estatísticos têm comprovado que, cada vez mais, os pais assumem papéis que, em outros tempos, eram limitados às mães e estão dando conta de questões complexas, relacionadas ao cuidado dos filhos, para as quais não estavam preparados. Esta mudança tem auxiliado não somente as crianças, mas também as mães, que se liberam para buscar outros objetivos de vida.

Sabe-se, hoje, que a figura do pai é importante também para a inserção social dos filhos. Estudos indicam riscos maiores de uma inserção social não exitosa para os jovens que cresceram sem pai do que para os que usufruíram a convivência paterna.

***IHU On-Line - A tendência para os próximos anos é aumentar o número de famílias uniparentais sem pai e chefiadas por mulheres? A presença do pai está deixando de ser essencial? Por quê?***

**Marilene Marodin e Tania Vanoni Polanczick -** Por famílias uniparentais ou monoparentais, entende-se aquelas onde há um só genitor. Podemos encontrar estas construções chefiadas por mulheres, muitas vezes incluindo avós, mas sem o pai, e chefiadas pelo pai com os filhos, sem a mãe. Tais grupos, em geral, constituem-se após separações/divórcios, morte de um dos cônjuges, gestações do tipo “produção independente”, ou em decorrência de gravidez no período da adolescência.

Nas famílias uniparentais chefiadas por mulheres, observa-se o que chamamos de feminilização da pobreza, decorrente das diferenças encontradas na cultura de acesso ao trabalho qualificado, remuneração e promoção



social da mulher. Com mais frequência, são encontradas em populações com maior vulnerabilidade social.

A questão de como esse fenômeno é visto difere entre os autores: alguns o interpretam como fenômeno transitório. Outros, nos quais me incluo, o vêem como uma estrutura mais consolidada dentro do processo de mudança da sociedade, isto é, como uma estrutura familiar especial, que necessita ser entendida em suas especificidades.

Recentemente, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou análise dos dados do último censo, confirmando estas mudanças. Entre os dados obtidos, destacamos o de que 47% dos domicílios organizam-se com, no mínimo, um dos pais ausente. Segundo o IBGE, na década de 1990, houve um aumento no número de famílias chefiadas por mulheres, com filhos e sem cônjuge e do número de famílias cujas pessoas de referência são mulheres. Os dados também apontam pessoas morando sozinhas, avós/tios criando netos/sobrinhos, casais sem filhos, mães com suas “produções independentes” e outras configurações familiares. Algumas delas são tipicamente modernas, como as formadas por grupos de amigos que decidem morar juntos para dividir um apartamento.

#### ***IHU On-Line - A falta da presença paterna pode ocasionar dificuldades futuras para os filhos?***

**Marilene Marodin e Tania Vanoni Polanczick** - Na família tradicional, os pais eram reconhecidos por seu prestígio e autoridade. Pertencer à família, no contexto de estruturas estáveis da família tradicional, dava ao sujeito um sentido de segurança, reforçado pela sociedade que valorizava a tradição da família e referendava os encontros familiares com a presença dos idosos, vistos como conselheiros.

Na atualidade, observa-se uma acentuada desvalorização da hierarquia da figura do pai e a tendência a diminuir sempre mais a necessária distância

entre as gerações. As famílias contemporâneas são estruturas com extrema mobilidade, com pais sem prestígio e sem autoridade. Os idosos são vistos como sobrecarga. As mudanças constantes e a valorização do novo, aliadas à importância da TV/Computador/Internet como centro da vida, acarretam uma família fragmentada.

Observamos modificações nos papéis e funções dos integrantes da família. Todavia, parecem preservadas na sua importância as funções nucleares materna e paterna. Assim, a falta estrutural da figura paterna pode acarretar nos filhos a perda dos valores e ideais, a valorização das políticas de prazer, a falta de limites, o desafio à lei. Os jovens carecem da ordem pacificadora da lei. A falta de limites causa um severo desequilíbrio instintivo, que pode resultar em condutas transgressoras ou aditivas. E, ainda, a ausência da função paterna provoca nos jovens uma tendência a estabelecer vínculos superficiais, caracterizados por sedução histórica com escasso respeito pelo outro - considerado descartável e usado a serviço de interesses narcisistas.

É possível afirmar que o amor é imprescindível para o desenvolvimento dos filhos, mas não é suficiente em si mesmo. A adequada constituição subjetiva da criança necessita do exercício de ambas as funções parentais - materna e paterna.

#### ***IHU On-Line - Como as senhoras têm percebido as mudanças na construção da família? Os filhos têm reagido de maneira positiva sem a presença de um pai (masculino) na criação? A falta da imagem paterna pode gerar uma crise de identidade e de papéis sociais na família?***

**Marilene Marodin e Tania Vanoni Polanczick** - Trabalhamos com os membros do núcleo familiar, com o casal conjugal, com os filhos e, ainda, na terapia individual, quando um representante do grupo familiar vem em busca de auxílio. A família está presente em



todas essas ocasiões, seja física ou simbolicamente, nas referências aos relacionamentos.

Dentre o que observamos neste trabalho, destacamos a busca mais voltada às questões da individualidade das pessoas, como carreira e aspirações profissionais, decorrendo daí uma maior dificuldade na construção dos espaços relacionais, de trocas, solidariedade, conjugalidade. Principalmente os jovens da nova geração pensam em relações amorosas fugazes, com pouca durabilidade e menor estabilidade, como a cantada nos versos do poeta: “que seja eterno [o amor] enquanto dure”. Os rompimentos são pensados como previstos e é evidente a menor resistência à frustração.

Pensamos que são inúmeras as questões que estão resultando neste modo de pensar, de viver e de construir

novas famílias, mas certamente uma delas decorre da ausência do pai. Na medida em que o pai não está presente, fisicamente ou na função, cabe à mãe, que também está preocupada em buscar seu espaço no mercado de trabalho, a incumbência de sustentar a família. É natural que existam inseguranças, incertezas e escassos momentos de convívio familiar, que repercutem negativamente na criação dos filhos e podem desencadear, conforme demonstram estudos bem fundamentados, comportamentos violentos entre os jovens, incapazes de postergar o gozo, carentes da socialização que, espera-se, lhes seja introduzida pela família.

## Homoparentalidade: novas concepções de família

ENTREVISTA COM ELIZABETH ZAMBRANO

*A médica Elizabeth Zambrano é enfática ao dizer que “a família é uma instituição da cultura”. Quando mudam os valores sociais, muda a configuração. Esse, explica Elizabeth, foi o caso das famílias recompostas, e também das famílias homoparentais. A reflexão, desenvolvida na entrevista a seguir, foi realizada por e-mail, em entrevista concedida pela pesquisadora à IHU On-Line. A médica esclareceu ainda que o termo homoparentalidade “está ligado ao desejo das pessoas homossexuais de serem reconhecidas como capazes de construir uma família e cuidar de filhos, tanto pela sociedade em geral, quanto pelo judiciário”.*

*Elizabeth Zambrano é médica graduada pela Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), especialista em formação psicanalítica pela Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) e mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com a dissertação *Trocando os documentos: um estudo antropológico sobre a cirurgia de troca de sexo*. É doutoranda em Antropologia Social pela UFRGS e estuda o direito à homoparentalidade, projeto de pesquisa que vem desenvolvendo desde 2004.*

**IHU On-Line - Em linhas gerais, como você definiria o conceito de homoparentalidade?**

**Elizabeth Zambrano** - A homoparentalidade é um neologismo criado em 1997 pela Associação de Pais e Futuros Pais Gays e Lésbicas, em Paris, que fala da situação em que uma pessoa que se reconhece como homossexual cuida de pelo menos uma criança. Faz pouco tempo que começou a ser utilizado no Brasil e tem o mesmo significado que na França.

O termo está ligado ao desejo das pessoas homossexuais de serem reconhecidas como capazes de construir uma família e cuidar de filhos, tanto pela sociedade em geral quanto pelo judiciário.

**IHU On-Line - O que a homoparentalidade demonstra a respeito das novas configurações familiares e da nossa sociedade?**

**Elizabeth Zambrano** - Demonstra o que os antropólogos já vêm dizendo há muito tempo: que a família é uma instituição da cultura. Evidentemente, na sua construção colaboram aspectos biológicos, sociais, simbólicos e legais. Porém, quando mudam os valores sociais e os costumes, muda a sua configuração. Foi o caso das famílias recompostas, depois do divórcio, e é o caso, agora, das famílias homoparentais. Nas duas situações, esses tipos de família já existiam de fato, mas não de direito. Atualmente, as lutas pelos direitos dos homossexuais vêm possibilitando uma maior visibilidade das famílias, cujos pais/mães são homossexuais e, conseqüentemente, a busca do seu reconhecimento pela sociedade e pelo judiciário.

**IHU On-Line - Em nossa sociedade contemporânea, o que caracteriza e constitui uma família? Ainda é possível se falar em modelos familiares?**

**Elizabeth Zambrano** - A nossa sociedade contemporânea ocidental costuma pensar a família de uma forma “naturalizada”, baseada em um modelo

nuclear procriativo. Essa parece ser a família “natural”, composta de pai/mãe/filho, mas é, na verdade, apenas um dos modelos de família existentes. Existem muitos outros tipos de família em outras culturas e, mesmo na nossa sociedade, são comuns outras formas, tais como as famílias recompostas, adotivas, monoparentais. Portanto, existem vários modelos de família e não apenas um.

**IHU On-Line - E quanto aos papéis de pai e mãe, até que ponto eles são relevantes dentro dessa nova estrutura familiar?**

**Elizabeth Zambrano** - Do ponto de vista antropológico, esses papéis não são, necessariamente, exercidos pelos pais biológicos. É comum encontrarmos povos nos quais a responsabilidade pelas crianças é compartilhada por diferentes pessoas que não pela mãe e pelo pai. Um bom exemplo, para ilustrar esse caso, é uma cultura existente no interior da China, onde não existe o conceito de pai nem de casamento. As crianças são cuidadas pela família da mãe e o pai biológico não tem importância no interior do grupo familiar nem um lugar social especial.

Já do ponto de vista da psicanálise, quando se fala em papéis de pai e de mãe, está-se falando em “funções” psíquicas que, na nossa sociedade, são, em geral, cumpridas pelos homens e mulheres. Entretanto, isso não é obrigatório, pois qualquer pessoa pode cumprir a “função” materna ou paterna, independentemente do seu sexo biológico. Essa é uma função simbólica e não anatômica. Assim, na homoparentalidade, ambas as funções podem ser realizadas por pessoas do mesmo sexo.

**IHU On-Line - Em uma família homoparental existem os papéis de pai e mãe ou esses conceitos não precisam ser, necessariamente, seguidos?**

**Elizabeth Zambrano** - Nas famílias homoparentais, existem dois pais ou duas mães. A idéia de que um deva

ser “pai” e outro “mãe” está ligada a uma idéia de família heterossexual. Um homem não se transforma em mulher nem uma mulher em homem por serem homossexuais. Isso tem a ver com o desejo sexual e não com a anatomia. Em relação aos filhos é a mesma coisa. Eles terão dois pais ou duas mães que exercerão as funções maternas e paternas independentemente do sexo ao qual pertencem. O importante é que essas pessoas sejam capazes de cuidar dos filhos e transmitir os valores culturais do grupo ao qual pertencem, possibilitando à criança o ingresso ao mundo social.

***IHU On-Line* - Quais são os principais desafios e obstáculos da homoparentalidade? Como fica a questão do preconceito?**

**Elizabeth Zambrano** - Os desafios e obstáculos me parecem ser, principalmente, legais. O não reconhecimento dessas famílias pelo judiciário permite que os vínculos entre pais/mães e filhos fiquem desprotegidos pelo Estado, nos casos de adoção por apenas um/a dos/as parceiros/as. Nos casos de separação ou morte do pai/mãe legal, a criança corre o risco de se ver afastada do seu outro pai/mãe (como pode acontecer também com casais heterossexuais), bem como o/a parceiro/a se ver sem os direitos e deveres relativos ao filho. Atualmente, já têm ocorrido adoções pelos dois parceiros/as, o que soluciona o problema.

Quanto ao preconceito, essas crianças, provavelmente, terão de enfrentá-los. Mas acho que a tendência é do preconceito diminuir com o correr do tempo, como aconteceu com filhos de pais separados.

***IHU On-Line* - O pai é desnecessário na sociedade atual? Por quê?**

**Elizabeth Zambrano** - Eu não diria que o pai é desnecessário. Em uma família heteroparental ele é tão necessário quanto a mãe, da mesma forma que em uma família homoparental as duas pessoas são necessárias. Não é uma questão de sexo, é de cuidado, e duas pessoas têm mais possibilidade de cuidar melhor de uma criança do que apenas uma.

***IHU On-Line* - Quais são as principais mudanças antropológicas que o conceito de paternidade passou?**

**Elizabeth Zambrano** - Acho que a principal mudança foi a percepção, pela nossa sociedade, de que paternidade (e maternidade, também) é um vínculo muito mais social do que biológico. Atualmente, até o Direito já reconhece que “pai é quem cria”. Não basta fecundar e conceber uma criança, é preciso cuidá-la e amá-la para ser considerado pai/mãe.

## Deus é pai ou mãe? Uma reflexão

ENTREVISTA COM ANDRÉ MUSSKOPF

*O uso da metáfora “pai” foi assumido pela Igreja e pela teologia como uma “centralidade dogmática e litúrgica, com a qual pessoas cristãs se identificavam”, afirma o teólogo André Musskopf, em entrevista concedida, por e-mail, à IHU On-Line. Ele destaca que os conceitos de pai e mãe assumem características particulares, dependendo de como ambos são construídos histórica, social e culturalmente. E acentua que seria muito mais prudente “a possibilidade de evocar as diversas formas em que Deus se revela na vida das pessoas, valorizando como elas apreendem esta revelação e fazem sentido dela na linguagem”.*

*Musskopf é pesquisador na área de Teologias GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros), Teoria Queer e Estudos de Gênero e Masculinidade. Graduado em Teologia, pela EST, é mestre em Teologia, também pela EST, com dissertação intitulada *Ministérios Ordenados e Teologia Gay - Retrospectiva e Prospectiva*, sobre a ordenação de pessoas homossexuais, e doutorando em Teologia na EST. É autor de *Uma brecha no armário - propostas para uma teologia gay (São Leopoldo: Sinodal, 2002)* e organizador, juntamente com Marga J. Ströher e Wanda Deifelt, do livro *A flor da pele - Ensaio sobre gênero e corporeidade (São Leopoldo: Sinodal, EST, CEBI, 2004)*. A IHU On-Line realizou uma entrevista com Musskopf sob o título *Identidade masculina e corporeidade*, publicada na 114ª edição, de 6-09-2004, e outra entrevista na edição número 121, de 1º-11-2004, sobre o tema *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay - seus dilemas e possibilidades*, apresentado por Musskopf no IHU Idéias de 4-11-2004. O texto está publicado nos Cadernos IHU Idéias número 32, disponível para download no site do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)). Suas contribuições mais recentes para a IHU On-Line foram na edição 210, de 05-03-2007, com o artigo *Crises nas relações de gênero: a busca por uma outra sociedade*, e na edição 227, de 09-07-2007, com o título *Frida Kahlo - 1907. Um olhar de teólogas e teólogos. A entrevista com Musskopf, intitulada Transgressão, implosão, mistura, desconstrução e reconstrução*, pode ser conferida no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)).*

### **IHU On-Line - Por que Deus é Pai e não Mãe?**

**André Musskopf** - Em princípio, Deus é Pai e é Mãe, é uma rocha, um vento, uma montanha, uma galinha, uma mulher em dores de parto - todas imagens bíblicas - ou nenhuma dessas coisas. O falar de Deus é sempre um falar por metáforas, por imagens, tanto que o termo hebraico para Deus (YHWEH) é impronunciável. Falar sobre estas metáforas, sobre estas imagens, do ponto de vista da Teologia, significa falar não apenas de projeções humanas acerca da realidade divina, mas também sobre a forma como Deus se revela aos seres humanos e como estes, em sua fé, apreendem e dão testemunho desta revelação.

Especificamente na tradição cristã, a metáfora “pai” assumiu um significado preponderante sobre todas as outras estando fortemente ligado com o fato de Jesus se referir a Deus como “Pai”. É a este pai que Jesus ora em seu desespero no Getsêmani, antes de ser preso, torturado e assassinado: “Aba, Pai, tudo te é possível; passa de mim este cálice” (Marcos 14.36). É assim que também se constituirá em parte imprescindível do dogma trinitário: Pai, Filho e Espírito Santo. Ou seja, o uso desta imagem foi assumindo, ao longo da história da Igreja e da teologia, uma centralidade dogmática e litúrgica com a qual pessoas cristãs se identificam, e para além da qual muitas não conseguem imaginar ou falar sobre/com Deus.

A Teologia Feminista, desde seus inícios, questionou a unilateralidade e exclusividade desta metáfora (veja-se um dos primeiros livros de Mary Daly, *Beyond God the Father*). A crítica está justamente na masculinidade desta metáfora e sua relação com a condição da mulher na igreja e na sociedade. Assim, uma das reivindicações do movimento feminista na Teologia e na Igreja foi a possibilidade de falar sobre Deus como “mãe”, sendo esta metáfora incluída em muitas formas litúrgicas já bastante comuns em muitas igrejas e comunidades que invocam, em orações, em confissões, a “Deus que é Pai e

Mãe”, apesar da resistência de muitos teólogos e pessoas leigas em geral.

### **IHU On-Line - Quais são as implicações teológicas, culturais e sociais de um Deus Pai, de uma teologia patriarcal?**

**André Musskopf** - Muitos/as teólogos/as e teóricos/as têm se ocupado com a origem, o desenvolvimento e o papel da metáfora “pai” na teologia e na vida da igreja cristã ao longo dos séculos. Por isso, pensar nas suas implicações sempre depende da abordagem que se utiliza. No campo da psicanálise, por exemplo, Freud se ocupou longamente com o papel do Pai na constituição das subjetividades, e Jung<sup>3</sup> inclusive discutiu de que forma Maria, possivelmente um “quarto elemento” da Trindade, foi expulsa, expulsando-se assim o princípio feminino (teólogas feministas têm resgatado o Espírito - *ruah*, como a Sabedoria/Sofia feminina na economia trinitária).

Do ponto de vista da Teologia, e mais especificamente da Teologia Feminista e das Teorias de Gênero aplicadas à Teologia, inúmeras teólogas mostraram de que forma a centralidade desta metáfora está intimamente ligada com o desenvolvimento de uma estrutura eclesial centrada no homem, neste caso no *pater familias*, seguindo, desta forma a estrutura social, política e econômica do *oikos* (casa) greco-romano dos primeiros séculos da Era Cristã. Elizabeth Schüssler Fiorenza (*As origens cristãs a partir da mulher*) e Marga Ströher (*A igreja na casa dela*) mostram de que forma o movimento cristão nos primeiros séculos foi, gradualmente, se adequando ao modelo patriarcal como uma estratégia de

---

<sup>3</sup> **Jung Mo Sung**: é professor do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC-SP e da UMEESP. É também pesquisador do IFAN-USF. Autor de diversos livros, entre eles, *Competência e sensibilidade solidária: educar para esperança* (2. ed., Petrópolis: Vozes, 2001, em co-autoria com Hugo Assmann); *Desejo, mercado e religião* (3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998); e *Teologia e Economia* (2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995) (Nota da *IHU On-Line*)

sobrevivência, transformando a Igreja na “casa patriarcal de Deus”, o que também significou o papel preponderante do homem na direção da igreja e a instituição dos ministérios sacerdotais masculinos (trabalhei este tema em *Talar Rosa - Homossexuais e o ministério na Igreja*).

As conseqüências deste processo são evidentes: diante de uma estrutura social e eclesiástica dominada por homens e sancionada por uma divindade masculina que assume a feição de um *pater familias*, as mulheres estão excluídas de qualquer instância de poder e decisão, relegadas ao mundo privado, à dependência e submissão ao homem. Também em termos ecológicos, isto representou uma relação com o mundo natural que levou à degradação do meio ambiente, uma vez que a natureza, associada à mulher e considerada como elemento passivo a ser dominado, foi sistematicamente abusado ao longo da história gerando a crise ecológica que agora vivemos (tema central do Ecofeminismo de Ivone Gebara<sup>4</sup> e outras, e também de Leonardo Boff<sup>5</sup> na

<sup>4</sup> **Ivone Gebara** (1944): Doutora em filosofia com uma tese sobre Paul Ricouer. Ingressou na Congregação das Irmãs de Nossa Senhora, em 1967. Estudou teologia. Em 1973 se transfere para Recife. Durante 17 anos, foi professora de Teologia e filosofia no Instituto Teológico de Recife, fechado em 1989 pelo Vaticano. Assessora de grupos populares, especialmente de mulheres. Professora visitante em diferentes universidades e centros de aprendizado no Brasil e no exterior. Escritora de livros e artigos de filosofia e teologia na perspectiva feminista da liberação, dentro os quais destacamos: *Teologia Ecofeminista* (São Paulo:Ed. Olho d'Água, 1988) e *Longing for Running Waters* (Minneapolis: Fortress Press, 1999). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>5</sup> **Leonardo Boff** (1938-): Teólogo brasileiro, da ordem dos franciscanos. Foi um dos criadores da Teologia da Libertação e, em 1984, em razão de suas teses a ela ligadas e apresentadas no livro *Igreja: carisma e poder - ensaios de eclesiologia militante* (3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982), foi submetido a um processo pela ex-Inquisição em Roma, na pessoa do cardeal Joseph Ratzinger, hoje Papa Bento XVI. Em 1985, foi condenado a um ano de “silêncio obsequioso” e deposto de todas as suas funções. Dada a pressão mundial sobre o Vaticano, retornou a elas em 1986. Em 1992, sendo outra vez pressionado com novo “silêncio obsequioso” pelas autoridades de Roma, renunciou às suas atividades de padre. Continuou como teólogo

atualidade - em *A voz do arco-íris* e outras obras). Os estudos sobre masculinidade também têm mostrado de que forma este sistema desumaniza os homens, em termos sociais, culturais, econômicos e políticos, mas também em sua espiritualidade e na sua relação com a divindade. Howard Eilberg-Schwartz (*O falo de Deus*), por exemplo, discute, no âmbito do judaísmo, quais as implicações para os homens de lidarem com uma divindade masculina que os “emascula”, e James Nelson (*The intimate connection - Male sexuality, masculine spirituality*) mostra de que forma a espiritualidade masculina é afetada pela forma como se constrói a identidade dos homens na relação com um Deus masculino (e Pai).

***IHU On-Line* - Na atualidade, considerando a estrutura das famílias atuais, a imagem de Deus ainda pode ser definida como a imagem de um pai? O pai ainda tem importância, tem papel fundamental?**

**André Musskopf** - A problemática em torno da imagem de “Deus Pai” está justamente na forma (e na suposta exclusividade) pela qual se compreende esta categoria. “Pai”, assim como “mãe”, não são conceitos trans-históricos fixos e experimentados por todas as pessoas da mesma forma - embora os louvores a uma determinada imagem essencializada de maternidade e paternidade a que se faz referência no dia das mães e dos pais nos queiram fazer crer o contrário. Estes termos, ou conceitos, assumem características particulares dependendo de como as experiências a que se referem são construídas histórica, social e culturalmente. Desta

da libertação, escritor e assessor das comunidades eclesiais de base e de movimentos sociais. Desde 1993, é professor de Ética, Filosofia da Religião e Ecologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É autor de mais de 60 livros nas áreas de teologia, espiritualidade, filosofia, antropologia e mística. Na edição 214, de 02-04-2007, Boff colaborou com a *IHU On-Line*, através da entrevista *Roma está perdendo a batalha contra a Teologia da Libertação*. (Nota da *IHU On-Line*)



forma, a crítica feita à tradicional metáfora do “Deus Pai” está em como se compreende a imagem do pai e qual seu significado para a espiritualidade das pessoas e sua relação umas com as outras.

Teólogas como Elizabeth Schüssler Fiorenza tem procurado mostrar como Jesus Cristo e o movimento cristão primitivo romperam com a estrutura familiar patriarcal em que o *pater familias* tem poder absoluto sobre as outras pessoas da família. É neste sentido que se vê em Jesus a ausência da figura paterna ao referir-se à sua família: “correndo o olhar pelos que estavam assentados ao redor, disse: Eis minha mãe e meus irmãos. Portanto, qualquer que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe” (Marcos 3.34-35). O “Pai” não está presente nesta rede de relações que constitui a nova comunidade. Argumenta-se, então, que para Jesus há um único Pai, aquele que está nos céus, e que a metáfora e a estrutura fica mantida. No entanto, se no nível das relações cristãs abole-se o “pai terrestre”, abole-se também a estrutura que a eles relega um determinado papel - neste caso o do *pater familias*.

Assim, falar de Deus como Pai não é necessário nem imprescindível, embora possível. As perguntas que se colocam são: para quem esta metáfora funciona? Para que serve social e politicamente? Quem decide, escolhe e sanciona as formas “ortodoxas” de falar de Deus? Sem dúvida, as estruturas familiares se modificaram ao longo da história e, quiçá, desde o último século de maneira mais drástica do que em qualquer outro período histórico (e as causas são múltiplas e interconexas - o papel dos movimentos identitários feminista, gay, negro; as mudanças no sistema de produção e consumo, na estruturação política das sociedades etc.). Isto implica re-avaliar as relações, bem como as metáforas usadas para falar da divindade fundamentadas nestas relações. Exercício que vem sendo realizado por muitas teólogas e teólogos.

**IHU On-Line - O pai ainda passa a imagem de forte, de protetor, ou isso é ultrapassado? Em que a Teologia ajuda a compreender este fenômeno?**

André Musskopf - As características comumente associadas à figura do pai e imputadas correlativamente a Deus (como forte, protetor, provedor, impassível, juiz etc.) nunca definiram a experiência real e concreta da maioria deles. Elas foram construídas como um ideal a ser atingido e perseguido insistentemente por toda a vida. Não atingi-las era e, em grande parte, ainda é sinônimo de fracasso e origem de tensão e estresse para muitos homens. Com o desenvolvimento de novas propostas e concepções de masculinidade, também este ideal passa a ser questionado e colocado no contexto da vida material dos homens. Um “deus” que tudo sabe, tudo pode e que está em todo o lugar deixa de ser o ideal masculino e reclama uma teologia que também entenda “Deus” de outra maneira, ou alargue a sua compreensão para incluir outras características - como proximidade, solidariedade, intimidade, relacionalidade. Esta mudança não ocorre de maneira simétrica, linear e constante, ou sem resistências, mas no movimento da vida que reclama outras formas de relacionamento. Assim, diferentes compreensões e experiências concretas de “pais” coexistem e precisam sempre ser analisadas, compreendidas e avaliadas em seu contexto.

O fato é que os dois movimentos estão intimamente ligados: não se trata de reconceitualizar Deus (ou de expandir o universo conceitual sobre a divindade) ou reconceitualizar a experiência masculina da paternidade isoladamente e no vácuo. As metáforas e as experiências são construídas, vividas e passam a fazer sentido na medida em que se relacionam e retroalimentam. Só posso falar num “novo Deus Pai” se conheço “novos pais” - novos modelos de paternidade - que rompam com o conceito patriarcal do *pater familias*. Neste sentido, a imagem de Deus Pai, na sua relação com a paternidade humana, tem o poder de construir, promover e sancionar



formas de paternidade humanizantes, na medida em que se relacionem com experiências concretas deste tipo - e vice-versa. É desta forma que a teologia pode participar de um movimento por novas relações, entre pais e mães, pais e filhos e filhas, e pais e pais dentro deste contexto, sem necessariamente negar formas históricas de se referir e relacionar com a divindade.

***IHU On-Line* - Gostaria de acrescentar mais algum comentário?**

**André Musskopf** - Eu posso entender a dificuldade e o dano provocado a uma mulher como a experiência de semanalmente ser exposta a uma linguagem litúrgica que presentifica e sacraliza a imagem do “pai” quando esta mesma mulher foi exposta à violência doméstica pelo seu pai ou pelo pai de seus filhos, seu marido. Uma teologia patriarcal tem negado a experiência concreta desta

mulher - e de muitas outras, e também de homens que sofrem violência doméstica - ao exigirem a exclusividade de um metáfora, não sem um apelo masoquista para que a mulher (acompanhada pelos homens) projete neste “deus pai” um “pai” que ela não conheceu, definindo, desse modo, Deus por uma via negativa. Muito mais saudável e produtora seria a possibilidade de evocar as diversas formas em que Deus se revela na vida das pessoas, valorizando como elas apreendem esta revelação e fazem sentido dela na linguagem. A riqueza da experiência teológica e espiritual está em perceber a ação de Deus no movimento da vida e colocá-la em diálogo com outras formas de expressar esta experiência. E aí as possibilidades são infinitas - inclusive de falar num Deus que é Pai.

## Brasil em Foco

# “A política macroeconômica é inconsistente”

ENTREVISTA COM BERNARDO KUCINSKI

*O professor Bernardo Kucinski analisa a economia, a política e o jornalismo brasileiro na entrevista especial que segue, concedida à IHU On-Line por e-mail e, posteriormente, complementada por telefone, na última semana. Kucinski possui graduação em Física pela Universidade de São Paulo e doutorado em Ciências da Comunicação pela mesma instituição. De 2003 a 2006, foi assessor especial da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. Atualmente, é professor titular da Universidade de São Paulo, junto à Escola de Comunicações e Artes - Departamento de Jornalismo e Editoração. É autor de vários livros, entre os quais citamos As cartas ácidas da campanha de Lula de 1998 (São Paulo: Ateliê Editorial, 2000); Jornalistas revolucionários - Nos tempos da imprensa alternativa (2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003); e Jornalismo na era virtual - Ensaios sobre o colapso da razão ética (São Paulo: Fundação Perseu Abramo; UNESP, 2005). Confira a entrevista:*

**IHU On-Line** - Como está a questão dos investimentos na economia nacional hoje? Qual é a postura mais recomendável para quem investe atualmente em aplicação e em bolsa de valores?

**Bernardo Kucinski** - A pergunta se refere às aplicações no mercado financeiro. Essas aplicações são bem remuneradas no Brasil porque a taxa básica de juros é alta e a inflação baixa. Mesmo a caderneta de poupança, rendendo 0,6% ao mês em média, isenta de imposto de renda, é uma excelente aplicação, com praticamente nenhum risco.

Com as recentes reduções da taxa básica de juros, as demais aplicações, que em geral rendem até 08% a 1% ao mês, descontados os impostos e taxas de serviço, estão se aproximando do rendimento da poupança. Isso deixa nervosos os investidores que especulam muito no mercado. Por isso, também o Banco Central pode interromper os cortes na taxa básica (Selic), já que ele é fortemente influenciado pelo capital financeiro. As

próximas duas reuniões do Copom, nesse sentido, são muito importantes.

Quanto à aplicação em bolsa de valores, ela não é recomendável às pessoas com poupança limitada porque são muito arriscadas. No Brasil, além disso, há poucas garantias para acionistas minoritários, manipulação de informação pelos analistas de mercado e muita malandragem, já que o mercado ainda é pequeno, limitado a poucas empresas. Só recomendo aplicar no Banco do Brasil e na Petrobras, mesmo assim só quando o mercado estiver em baixa, nunca quando estiver no topo de uma longa trajetória de altas, como é o caso agora.

**IHU On-Line** - Quais são as influências da bolha imobiliária americana para a economia mundial? Como entender o que está acontecendo com o capital imobiliário nos Estados Unidos?

**Bernardo Kucinski** - Os bens imóveis, especialmente residenciais, têm um papel especial como reguladores(ou

desreguladores) da economia, porque apesar de serem bens de capital, são em geral pagos com renda de salário, exigindo, portanto, um mecanismo de financiamento. Além disso, servem também como reserva de valor. E, para piorar tudo, as construções são decididas com base em expectativas de demanda formadas entre um e cinco anos antes da demanda se efetivar (ou não se efetivar).

Estouros de bolhas imobiliárias são recorrentes. Por isso, chama-se “bolha.” É uma alta exagerada no valor dos bens imóveis, alimentada por especulação e excesso de dinheiro na região. As bolhas exigem que haja sempre mais dinheiro para pagar mais pelos bens, numa espiral ascendente. Quando, por algum motivo, às vezes distante do mercado imobiliário (uma seca, um desastre ou uma queda no emprego), o fluxo se interrompe ou perde vigor, os que estavam mais expostos são obrigados a vender, isso começa a derrubar os preços, outros seguem, e assim a bolha estoura.

**IHU On-Line - Qual é a situação atual do mercado financeiro internacional? Qual é o grau de volatilidade e qual o impacto disso na economia brasileira?**

**Bernardo Kucinski** - O mercado financeiro internacional hoje é um grande cassino no qual se jogam grandes quantias em cima de variações diminutas de valor, seja de uma moeda em relação à outra, seja de ações de empresas. O fator jogo passou a ser dominante com o colapso do tratado de Bretton Woods<sup>6</sup>, que

---

<sup>6</sup> Conferência de Bretton Woods: nome pelo qual ficou conhecida a Conferência Monetária Internacional, realizada em Bretton Woods, no estado de New Hampshire, nos Estados Unidos, em julho de 1944. Representantes de 44 países participaram da conferência. Nela foi planejada a recuperação do comércio internacional depois da Segunda Guerra Mundial e a expansão do comércio através da concessão de empréstimos e utilização de fundos. Os representantes dos países participantes concordaram em simplificar a transferência de dinheiro entre as nações, de forma a reparar os prejuízos da guerra e prevenir as depressões e o desemprego. Concordaram também em estabilizar as

assegurava um grau de estabilidade nas taxas de câmbio e obrigava as moedas a terem lastro em ouro ou dólar. Nada disso existe mais. Daí a altíssima volatilidade das moedas, mesmo as moedas chamadas fortes, como o dólar e o euro. Também os títulos de refinanciamento das dívidas externas, surgidas na crise dos anos 1980 (os “bradies”), servem de fichas nesse cassino, pois são altamente voláteis. O impacto disso tudo na nossa economia se dá principalmente pela grande influência que esse capital financeiro tem sobre o processo decisório. Nossa economia é gerida hoje pelos “rentistas”, que têm excedente de renda aplicada no mercado financeiro. Isso inclui os rentistas de fora, em especial fundos de investimento estrangeiros.

**IHU On-Line - O que o senhor pensa sobre a forma como Lula tem conduzido a política econômica em seu governo? Com que olhos o senhor vê a política de juros e a política cambial que Lula e Guido Mantega têm defendido e sustentado?**

**Bernardo Kucinski** - A política macroeconômica é inconsistente. Por um lado, mantém juros muito altos, num nível anômalo para o capitalismo, um nível que só se justifica em momentos de grave crise e por períodos curtos para conter fortemente a demanda, e, por outro lado, estimula fortemente a demanda através de mecanismos novos de financiamento como o crédito contingenciado no salário. Essa inconsistência tem cobrado um preço muito elevado do Estado e dos cidadãos. O principal custo é o pagamento de juros sobre a dívida interna. Além disso, os juros altos demais

---

moedas nacionais, de forma que um país sempre soubesse o preço dos bens importados. A Conferência de Bretton Woods traçou os planos de dois organismos das Nações Unidas - o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial. O fundo ajuda a manter constantes as taxas de câmbio, além de socorrer países com crises nas suas reservas cambiais, como no caso do Brasil e da Rússia, em 1998. O banco realiza empréstimos internacionais a longo prazo e dá garantia aos empréstimos feitos através de outros bancos. (Nota da *IHU On-Line*)

atraem dólares em excesso do exterior, apreciando o real, quebrando, com isso, alguns setores exportadores, como os têxteis e calçados. O governo, numa tentativa de aliviar o quadro, compra os dólares em excesso, mantendo, com isso, reservas exageradas de dólares no exterior. Essas reservas são remuneradas a um juro muito menor que o juro pago pelo governo para tomar emprestado os reais necessários para comprar os dólares. É uma política monetária e cambial totalmente inconsistente e que sangra o Estado, deixando-o sem recursos.

No entanto, a abundância de fatores de produção de nossa economia (terra, sol, água e mão de obra) é tal que, na conjuntura mundial de forte demanda por bens básicos, a grande parte das empresas conseguiu se adaptar ao câmbio desfavorável. Não se deu o colapso geral das exportações. Ao contrário, as empresas conseguiram aumentar a produtividade através de vários mecanismos, inclusive selecionando melhor seus produtos, importando mais componentes e mantendo salários o mais baixo possível. Na média, os salários diminuíram no Brasil em cerca de 10% desde o penúltimo ano do governo FHC, tendo se recuperado apenas em parte nos últimos dois anos. Com outra política macroeconômica, que só seria possível se tivéssemos reestruturado a dívida interna, o Brasil estaria crescendo hoje entre 7 e 10% ao ano e não os míseros 4%.

**IHU On-Line - Quais são as piores conseqüências dos altos juros para o Brasil? Como o senhor vê os investimentos estrangeiros no País?**

**Bernardo Kucinski** - A principal conseqüência dos juros altos é sangrar o Estado. Também inibe o investimento em produção. Os investimentos estrangeiros são basicamente especulativos, para ganhar, na diferença entre nosso juro e o juro lá fora, uma diferença hoje da ordem de 4 pontos percentuais por ano. O capital que vem para o setor produtivo é usado principalmente para

comprar empresas, e não para aumentar a capacidade de produção. Mas há também um grande fluxo de capital para área de etanol, incluindo compra de terras por estrangeiros e participação em novas usinas.

**IHU On-Line - Como o senhor avalia o jornalismo econômico no Brasil hoje? Quais são os principais méritos e deficiências?**

**Bernardo Kucinski** - O mérito é a maior diversificação, principalmente através de revistas especializadas. Também se deve mencionar o jornal *Valor*, como um avanço no jornalismo econômico. As principais deficiências são o domínio do pensamento do capital financeiro, que hoje faz a cabeça da maioria dos comentaristas. Também se mantém a costumeira falta de precisão, erros freqüentes e grosseiros nos títulos e tratamento das estatísticas, falta de clareza, uso excessivo do jargão “economês”. E uma curiosa mistura de triunfalismo (quando se fala das exportações) e de negativismo (quando se fala das coisas do governo).

**IHU On-Line - Considerando a história econômica do Brasil, quais são os principais entraves para o crescimento econômico brasileiro? Quais são as razões do travamento da nossa economia? E qual a responsabilidade, aqui, das falsidades financeiras e das problemáticas leis de mercado?**

**Bernardo Kucinski** - O principal problema é a falta de um projeto de desenvolvimento nacional e autônomo pactuado pelas forças produtivas e setores sociais relevantes. E o problema da falta de um projeto nacional é que nós viemos de duas, quase três décadas, de uma economia estagnada, na qual o único projeto existente era economizar o máximo possível para pagar dívidas. E nós entramos num novo ciclo em que há muita demanda pelas matérias-primas brasileiras, em que há um crescimento em toda a economia mundial, que acaba nos puxando. No entanto, não temos um projeto nacional

para otimizar essa oportunidade, para estabelecer metas e também para reformar o Estado e transformá-lo num Estado de desenvolvimento. Porque o Estado anterior foi feito para gerar uma crise recessiva e nós herdamos os instrumentos sem modificá-los. Mas o principal problema da falta de um projeto nacional é a falta de uma hegemonia nacional, de um setor da sociedade que seja hegemônico e que imponha esse projeto. A sociedade está muito fracionada, fragmentada. Nós temos uma burguesia industrial débil, e, no entanto, ela não é insignificante. Temos uma burguesia agrária muito forte e mais forte ainda agora. Mas essa, historicamente, não tem interesse em projetos nacionais, apenas em exportar. Temos também uma classe média empobrecida e uma classe trabalhadora muito pouca organizada quando comparada com a de outros países no sentido de discutir políticas nacionais. Ela discute mais proteção aos seus interesses corporativos, defesa do salário etc. Então, ficamos aí, ao sabor das circunstâncias, que é o que mais interessa realmente aos grupos econômicos: que não haja nenhum projeto, para cada um ir mais ou menos abocanhando e aproveitando as oportunidades. Porque qualquer projeto teria que estabelecer limites, prioridades, coibir e regular algumas coisas um pouco mais. Mas esse projeto não há.

***IHU On-Line* - E se nós pensássemos num projeto de desenvolvimento nacional ideal? O que faria parte dele e quem serviria de inspiração? Celso Furtado seria um nome?**

**Bernardo Kucinski** - Não só ele. Todos os que pensaram na idéia nacional. Certamente, ele é a referência mais importante. Mas nós vivemos num mundo diferente hoje, em relação àquele de Celso Furtado<sup>7</sup>, que

---

<sup>7</sup> Celso Furtado (1920-2004): economista brasileiro, membro do corpo permanente de economistas da ONU. Foi diretor do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste e membro da Academia Brasileira de

foi o mundo do pós-guerra, no qual se privilegiava a idéia do planejamento em todos os países. Hoje, nós teríamos que ter um projeto nacional num mundo em que prevalece o não-planejamento, onde não há taxa de câmbio fixa nem ordem internacional nenhuma. O projeto nacional teria que passar pela integração da América Latina. O governo Lula tem clareza sobre isso. E é uma das partes em que podemos ver que há componentes para um projeto nacional, porque nós vivemos a era da formação dos grandes mercados.

***IHU On-Line* - E, para essa integração latino-americana funcionar, qual é a importância das energias alternativas, dos combustíveis latino-americanos?**

**Bernardo Kucinski** - O problema da integração é político e físico. O continente não tem sequer estradas que o liguem. É o continente mais atrasado do mundo nesse aspecto. Nós estivemos mais integrados em termos de estradas na época do império do que agora. Muitas estradas são abandonadas. Então, é preciso primeiro integrar fisicamente. As energias alternativas não têm importância muito grande na América Latina porque nós temos esse privilégio de ter muita energia hidrelétrica, que é a mais limpa, barata e conveniente. Não precisamos muito de energias alternativas. Mas, se for preciso, também isso não é um problema. Na verdade, é o excesso de energia que pode ser um problema para a América Latina, porque torna países como a Venezuela e a Bolívia objetos de cobiça. As potências estrangeiras

---

Letras. Algumas de suas obras são *A economia brasileira* (1954) e *Formação econômica do Brasil* (1959), apresentado pelo Prof. Dr. André Moreira Cunha (UFRGS) em 11 de setembro de 2003 no evento *Ciclo de Estudos sobre o Brasil*. A editoria *Entrevista da Semana* da revista *IHU On-Line* edição 155<sup>a</sup>, de 12 de setembro de 2005 repercutiu a criação do Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, na Finlândia, com entrevistas a diversos especialistas. (Nota da *IHU On-Line*)

vêm, corrompem, derrubam regimes, têm medo que haja um projeto de integração.

**IHU On-Line** - Mas e se os países latino-americanos souberem fazer uso deste “excesso” e se juntarem, isso não pode ser um instrumento para ganhar força no mercado internacional?

**Bernardo Kucinski** - Pode, mas não precisa nem chegar aí. Antes de mais nada, é preciso aperfeiçoar a

integração física e econômica. É necessário criar um Banco Latino-Americano de Desenvolvimento, e fazer algumas grandes estradas que liguem os países. É preciso, ainda, facilitar mais o trânsito das pessoas e dos capitais, aperfeiçoar o Mercosul, caminhar para uma moeda comum. A Europa começou pela energia, pelo carvão e aço. Nós não precisamos começar pela energia. Podemos também, mas já começamos de outra forma. Agora é ir para a frente.

## Teologia Pública

### Teologia hoje: limites e possibilidades

ENTREVISTA COM RUDOLF VON SINNER

*O teólogo Rudolf von Sinner, de origem suíça, é pró-reitor de pós-graduação e Pesquisa e professor de Teologia Sistemática, Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso nas Faculdades EST em São Leopoldo, bem como pastor da IECLB. Após um semestre sabático de pesquisa no Centro de Investigação Teológica (CTI) em Princeton (EUA), está completando um livro sobre as igrejas e a democracia no Brasil, explorando suas contribuições para a cidadania na visão de uma teologia pública.*

*Von Sinner é autor do Cadernos Teologia Pública nº 9, intitulado Diálogo inter-religioso: dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões. A publicação pode ser baixada para download no site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).*

**IHU On-Line** - Tomando por horizonte seus recentes estudos sobre Teologia da Libertação e Teologia Pública, quais são as transformações que hoje marcam o contexto sociocultural, eclesial e acadêmico de fazer teológico? Que desafios estas transformações apresentam à Teologia?

**Rudolf von Sinner** - Temos a situação de uma competição acirrada tanto no mercado econômico quanto no mercado religioso, nacional e internacional. Isto gera um pluralismo religioso cada vez maior, o que em si não

seria problemático. A princípio, é um sinal positivo da liberdade religiosa e do fim de uma hegemonia quase que absoluta de uma igreja específica. Contudo, há muito preconceito, difamação e até violência física nesta diversidade cada vez maior de igrejas. Isto é um triste testemunho de desobediência à vontade de Cristo que seu corpo seja unido, ainda que com diversos membros. Além disto, aumenta o clima já generalizado de desconfiança entre as pessoas e de desprestígio das igrejas como parceiras na construção da cidadania. As



igrejas históricas (a católica romana e as protestantes) tendem, por um lado, para a introspecção e a volta ao tradicionalismo e confessionalismo, e, por outro lado, sentem-se tentadas a seguirem o caminho das igrejas que mais têm sucesso no mercado religioso, considerando que pela adaptação poderiam aumentar sua fatia do bolo. A consciência da responsabilidade dos cristãos pelas preocupações da sociedade como um todo, como o combate à pobreza, a diminuição da imensa disparidade em renda e patrimônio, o acesso efetivo de todas e todos aos direitos da cidadania e a consciência de seus deveres na co-responsabilidade com o poder público têm pouca prioridade no discurso ou na prática da maior parte das igrejas - a despeito de uma continuidade impressionante de posicionamentos da CNBB e algumas outras igrejas nesta linha da defesa da cidadania. A Teologia precisa refletir esta nova situação e desenvolver elementos que possam fomentar uma participação mais significativa das igrejas no espaço público que não seja de interesse próprio delas, mas vise ao bem comum. No âmbito acadêmico, a Teologia ainda está conquistando seu lugar, encontrando tanto acolhida e interesse quanto resistência por parte de outras áreas de conhecimento. A herança laica deixou marcas de suspeita em relação à religião, especialmente à teologia que não apenas a estuda, mas toma posição. Por outro lado, o estudo acadêmico da Teologia vem possibilitando um discurso mais neutral e participativo sobre si mesma e os assuntos mencionados. Nos cursos de integralização do bacharelado em Teologia, por exemplo, temos a participação inédita de padres, religiosas, pastores e pastoras, que são assim forçados/as a dialogarem e conviverem, o que pode abrir as mentes para uma reflexão mais criativa e uma maior cooperação.

***IHU On-Line - Como você avalia a situação atual da Teologia da Libertação latino-americana?***

**Rudolf von Sinner** - A Teologia da Libertação foi e continua sendo um marco histórico, não apenas no continente, mas mundialmente. É absurdo dizer que ela teria morrido. A esta vertente pertencem os mais criativos e conceituados teólogos da contemporaneidade. Em termos de método e conteúdo, não há como voltar atrás da insistência na conexão entre *práxis* e Teologia (como segundo momento), nem da opção preferencial pelos pobres. Evidentemente, a situação mudou de tal forma que não há claros centros de opressão hoje. Portanto, não faz sentido continuar fazendo a mesma teologia de resistência dos anos 1970 e 80, uma vez que o dualismo entre opressores e oprimidos não existe mais daquela forma. Diferente do período do regime militar, a cidadania é, a princípio, garantida pela lei e pelo processo político democrático, e temos uma sociedade civil atuante e diversificada. As razões da pobreza são múltiplas e difusas, e as formas de opressão mais diversas. A Teologia já se deu conta de vítimas de opressão inicialmente esquecidas: mulheres, negros, indígenas, homossexuais, entre outras. Estes vêm se organizando e se afirmando como sujeitos de uma teologia na qual tenham lugar. Vem havendo uma grande riqueza de reflexão teológica na linha da libertação, não por último nos dois Fóruns Mundiais de Teologia e Libertação promovidos em 2005 e 2007. Penso, contudo, que ainda carecemos de conceitos agregadores que possam mostrar novos caminhos.

***IHU On-Line - Atualmente, você está se dedicando a debates e estudos de Teologia Pública. Como você compreende a proposta de uma teologia pública?***

**Rudolf von Sinner** - É precisamente esta teologia que me parece oferecer um conceito agregador. Uma Teologia da Libertação precisa constantemente explicar de que e para que pretende libertar. A Teologia Pública remete à contribuição da teologia para assuntos de interesse público, e procura dar esta contribuição de

forma compreensível para o público mais amplo, além das igrejas. Procura ser parceira no espaço público, em conjunto com outras organizações da sociedade civil e em parceria crítica e construtiva com o Estado. Portanto, entendo a Teologia Pública como um conceito mais amplo, abrangente, podendo reagir com maior facilidade a uma variedade de desafios. Neste momento, penso que no Brasil ela deveria ser especificada mais como uma teologia da cidadania, sendo este o desafio principal atual. Mas poderiam ser identificados outros, agora e futuramente. A busca da reformulação da Teologia no contexto da democracia, do pluralismo e da globalização, é algo que preocupa a Teologia no mundo inteiro, não por último na África do Sul, que tem uma história recente com muitas semelhanças ao Brasil. A Rede Internacional de Teologia Pública, criada em maio deste ano num encontro em Princeton (EUA), pretende articular tais reformulações num âmbito internacional. Estamos investindo especialmente no diálogo Sul-Sul, no caso entre Brasil e Argentina e a África do Sul. Convém dizer ainda que a Teologia Pública se entende não como nova área ou disciplina da Teologia, mas como dimensão e foco temático da teologia que engloba todas as áreas.

***IHU On-Line - A realidade do sofrimento, das injustiças e situações de vulnerabilidade humana e da vida em geral sempre foi questão importante para o fazer teológico. Que lugar esta problemática encontra na Teologia atual?***

**Rudolf von Sinner** - Apesar da situação ter melhorado em muitos aspectos ao longo das últimas décadas, continua, de forma espantosa, a miséria de milhões de pessoas neste país e mundo afora. Não é possível desconsiderar este fato. Mas a tendência geral hoje é de tratar isto como, no máximo, um assunto entre outros, ficando na periferia do afazer teológico. Ainda que a Teologia da Libertação, que sempre insistiu na centralidade do fato da pobreza e da exclusão social para

a Teologia, continue tendo uma considerável publicidade, nos seminários e faculdades, ela fica minoritária entre questões de tradição, carismatismo, estratégias de evangelização e gestão de igrejas. Uma Teologia Pública pode resgatar esta centralidade, inclusive a partir de uma variedade de pressupostos teológicos, podendo agregar forças.

***IHU On-Line - Considerando o pluralismo religioso, cultural e de valores vigentes no atual contexto histórico, quais são as principais contribuições da Teologia e das igrejas para uma boa convivência humana em sociedade?***

**Rudolf von Sinner** - As igrejas têm acesso à população que nenhuma outra instituição neste país tem. Em muitos outros países, especialmente da América Latina e da África, não é diferente. O ensino e a vivência de valores básicos da convivência é uma importantíssima contribuição à sociedade e as igrejas, junto com as escolas, são lugares primários para tal. Contribuem também, embora nem sempre conscientemente, de forma prática para a formação de consciência cidadã e da liderança, capacitando pessoas e dando-lhes o amparo de uma comunidade e fortalecendo sua fé. Se este enorme potencial estivesse sendo usado não somente para dentro de uma comunidade eclesial específica, mas tendo em vista o bem-estar de todas e todos, poderia fazer uma contribuição muito mais relevante. Uma teologia que se entende como pública pode contribuir para fortalecer a noção de que o próprio Cristo atuava desta forma e louvou tudo aquilo que “fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mateus 25.40). A CNBB e seus órgãos, a liderança e órgãos da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), entidades ecumênicas como o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC) e a Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE), entre outras, procuram dar uma contribuição relevante neste linha.

**IHU On-Line - Em meio a múltiplas questões que se colocam nos âmbitos científico, político, econômico, ecológico e religioso, impõe-se o desafio de se buscar, na ética, orientações e parâmetros que auxiliem na construção de uma sociedade mais justa e comprometida como o cuidado da vida em seu todo. Que contribuições a Teologia pode dar para isto?**

**Rudolf von Sinner** - Em faculdades e programas de pós-graduação em Teologia, existem, hoje, muitas pesquisas nesta área da cidadania e convivência, inclusive em instituições ligadas a igrejas onde estes temas não são comuns. A Teologia, especialmente quando se entende como pública - ainda que não se denomine assim -, serve como reflexão de ponte entre a fé na sua vivência e os desafios da sociedade. Entendo que a Teologia é sempre *contextual*, desenvolvida em interação com um contexto científico, social, econômico, político, religioso, ecológico específico, e também *católica*, no sentido de haurir suas referências do testemunho da Bíblia e da tradição de sua interpretação ao longo dos séculos e em todos os continentes. A justiça social é um tema central na Bíblia, desde a condenação do primeiro assassinato de Caim contra Abel (protegendo, inclusive, o infrator!) nos primeiros capítulos até a visão da Nova Jerusalém nos últimos capítulos. O cuidado com as pessoas e o meio ambiente é posto como mandato logo no início: “Tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar” (Gênesis 2:15). Este

cuidado precisa ser ensaiado dentro e fora das igrejas, e ensinado nos cursos de Teologia. De fato, há, hoje, uma nova ênfase na questão do cuidado, especialmente nas áreas de aconselhamento pastoral, na diaconia e no ensino da ética. Em debate interdisciplinar, a teologia acadêmica pode dar uma contribuição mais qualificada para questões éticas em pauta, de justiça social, bioética, convivência inter-religiosa, cidadania, entre outras.

**IHU On-Line - O que mais você gostaria de dizer sobre estes temas?**

**Rudolf von Sinner** - A proposta de uma Teologia Pública data dos anos 1970, quando foi cunhado o termo nos Estados Unidos. Desde os anos 1990, está tendo um reavivamento diante das mudanças drásticas no mundo globalizado e, ao mesmo tempo, fragmentado de hoje, bem como da perda de reconhecimento da relevância da teologia no espaço público. Países como a África do Sul e a Austrália estão descobrindo e explorando este conceito. Na América Latina, ainda há pouca reflexão sobre ele. O Instituto Humanitas da Unisinos - IHU - é a única instituição no Brasil, segundo meu conhecimento, que o utiliza de forma explícita. Mas, tendo o país e o continente grande experiência no desenvolvimento de conceitos teológicos relevantes para assuntos públicos, penso que a exploração deste conceito, em interação com outros países, poderia ser frutífera e oportuna.

## Destaques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU

*Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas Notícias do Dia do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.*

ENTREVISTAS ESPECIAIS FEITAS PELA IHU ON-LINE DISPONÍVEIS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU) DE 30-07-2007 A 05-08-2007

### **A polêmica sobre a construção das usinas do Rio Madeira**

**Roberto Smeraldi**

Confira nas *Notícias do Dia* 30-07-2007

A polêmica em torno da construção das usinas do Rio Madeira continua. O presidente da ONG Amigos da Terra Roberto Smeraldi disse que “o IBAMA nunca recusa uma licença, o que confirma a escassa credibilidade do processo e resulta em sua constante judicialização”.

### **Os desafios do desenvolvimento sustentável no Brasil**

**Fernando Almeida**

Confira nas *Notícias do Dia* 31-07-2007

Fernando Almeida fala sobre como abordou, em seu livro *Os desafios da sustentabilidade. Uma ruptura urgente* (São Paulo: Ed. Campus/Elsevier, 2007), os desafios que a sustentabilidade passa hoje no País. Mencionou, ainda, como podemos prever as tragédias e mudar as condições que as favorecem e relata o papel que, em sua opinião, cada indivíduo tem na efetivação das mudanças que todos querem na sociedade e no meio ambiente.

### **“O conteúdo da política social do Governo Lula é o mesmo do Governo FHC”**

**Reinaldo Gonçalves**

Confira nas *Notícias do Dia* 01-08-2007

Uma avaliação do governo Lula em seus dois mandatos é o que faz o economista Reinaldo Gonçalves. Reinaldo

aponta as diferenças e semelhanças entre o governo Lula e o governo Fernando Henrique Cardoso no que diz respeito ao modelo econômico seguido pelos dois presidentes.

### **“Neste momento não há partidos políticos na Argentina”**

**Washington Uranga**

Confira nas *Notícias do Dia* 02-08-2007

O jornalista argentino Washington Uranga fala sobre a realidade política da Argentina, dos acertos e desacertos ocorridos na política nacional, das relações entre o governo e a sociedade civil e entre o governo e a Igreja católica.

### **Usinas do Rio Madeira. Energia para exportar alumínio barato**

**Philip Fearnside**

Confira nas *Notícias do Dia* 03-08-2007

A liberação da construção das Usinas do Rio Madeira pelo Governo Federal ainda tem gerado inúmeras discussões. Um dos críticos, Philip Fearnside, diz que as perguntas sobre a carga de sedimentos continuam sem resposta.

### **“O documento do V Celam é típico da Igreja do temor”**

**Eduardo de La Serna**

Confira nas *Notícias do Dia* 04-08-2007

O teólogo Eduardo de la Serna, um dos participantes da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, que aconteceu de 13 a 31 de maio, em Aparecida, no Brasil, referiu-se ao texto final do encontro como “um documento típico da Igreja do temor”. Falou, também, sobre a Igreja Argentina, os

rumos da Teologia da Libertação, as relações entre o presidente Kirchner e o presidente da Conferência Episcopal Argentina, Cardeal Jorge Mario Bergoglio, e avalia o governo atual em seu país.

ENTREVISTAS E ARTIGOS QUE FORAM PUBLICADOS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU ([WWW.UNISINOS.BR/IHU](http://WWW.UNISINOS.BR/IHU))

**“Os ricos nunca ganharam tanto como no governo do operário Lula”**

**Fábio Konder Comparato**

Confira nas *Notícias do Dia* 30-07-2007

Na entrevista realizada por Flávia Tavares e publicada no *O Estado de S. Paulo*, em 30-07-2007, Fábio Konder Comparato analisa as crises aérea e política brasileira.

**Ataque à blogosfera. 'A blogosfera é muito competitiva e masculina'**

**Andrew Keen**

Confira nas *Notícias do Dia* 30-07-2007

“Anticristo” entre os blogueiros, o historiador britânico Andrew Keen diz em livro que a internet está matando a cultura e critica sites como YouTube e Wikipedia. Ele concedeu uma entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*, 30-07-2007.

**Jango antes e depois da queda**

**Angela de Castro Gomes**

Confira nas *Notícias do Dia* 31-07-2007

Os historiadores Angela de Castro e Gomes e Jorge Ferreira lançaram, recentemente, o livro *Jango - As múltiplas faces* (editora FGV, 2007), que relata a carreira deste político - e não apenas sua destituição da presidência em 1964. Ângela de Castro Gomes concedeu uma entrevista ao jornalista Paulo Henrique Amorim, publicado em seu blog *Conversa Afiada* em 24-07-2007.

**Cansei de 'basta!'**

**Janio de Freitas**

Confira nas *Notícias do Dia* 31-07-2007

“O que mais deseja a riqueza do país, além das condições inigualáveis que o governo Lula lhe proporcionou?”, pergunta Janio de Freitas, jornalista, em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, 31-07-2007.

**O anti-lulismo e a anti-mídia**

**Luís Nassif**

Confira nas *Notícias do Dia* 31-07-2007

“Parte relevante dos colunistas políticos, e até de Variedades, continua prisioneira da ‘síndrome da indignação’. É uma armadilha que sempre pega gente mais insegura. O sujeito quer se identificar com seu leitor. Para tanto, tem que demonstrar indignação, indignação e indignação. Não lhe ocorre trazer explicações, análises. O que vale são os decibéis, que o igualam ao leitor.” O comentário é de Luís Nassif, jornalista, publicado no seu blog, 30-07-2007.

**Ninguém pode minar a vida. Muito menos um juiz, um médico ou um político**

**Saraiva Martins**

Confira nas *Notícias do Dia* 31-07-2007

“A vida é o maior dom de Deus. Ninguém pode miná-la, muito menos um juiz, um médico ou um político.” Sobre a absolvição do médico de Welby, o Vaticano por ora

silencia. O único que fala a respeito é o cardeal José Saraiva Martins, prefeito da Congregação para as Causas dos santos, mas - especifica - “para recordar a inviolabilidade da vida, sem comentar a sentença”. A reportagem é do jornal *La Repubblica*, 24-07-2007.

#### **Bergman e Antonioni. Duplo adeus marca fim de era Cássio Starling Carlos**

Confira nas *Notícias do Dia* 01-08-2007

Uma segunda-feira que registra a desapareição de Ingmar Bergman e de Michelangelo Antonioni não é um dia de luto apenas para os cinéfilos. A morte sucessiva destes dois gigantes marca também o fim de um tempo, especificamente o século XX, mas não de seus problemas. O artigo é de Cássio Starling Carlos e publicado pelo jornal *Folha de S. Paulo*, 01-08-2007.

#### **Falácias sobre o 'déficit' da Previdência**

**Eduardo Fagnani e José Celso Cardoso Jr.**

Confira nas *Notícias do Dia* 02-08-2007

Os setores conservadores não aceitaram as conquistas do movimento social em 1988. Eis por que alardeiam que o suposto déficit é “explosivo”, segundo Eduardo Fagnani e José Celso Cardoso Jr., em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, 02-08-2007.

#### **'Economia do carbono vital' em lugar do 'Carbon Free'**

**Vandana Shiva**

Confira nas *Notícias do Dia* 03-08-2007

Vandana Shiva, indiana, vive num mundo bíblico, entre a solidez das tradições rurais e a embriaguez do progresso. A reportagem é de Elena Disi e publicada pelo jornal *La Repubblica*, 13-07-2007.

#### **O reencontro tardio de Lula com Getúlio**

**Ricardo Antunes**

Confira nas *Notícias do Dia* 03-8-2007

“No plano sindical, o lulismo se reencontrou com Getúlio. Vamos ver quais centrais vão recusar mais esse canto de sereia do neopeleguismo”, escreve Ricardo Antunes em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, 03-08-2007.

#### **Resistência. Palavra-chave na análise do poder, segundo Foucault**

**Arnold I. Davidson**

Confira nas *Notícias do Dia* 03-08-2007

Na discussão pública, em curso na mídia tradicional, é quase impossível, atualmente, que não se encontrem expressões atinentes diretamente ao vocabulário de Michel Foucault e que se tornaram de uso quase comum. Arnold I. Davidson, um dos maiores estudiosos do filósofo francês nos EUA, fala sobre o assunto na entrevista ao jornal italiano *Il Manifesto*, em 18-07-2007.

#### **O nosso consumo de carne é um risco para a estabilidade do clima. “Um americano médio come sete novilhos de seiscentos quilos”**

**Jeremy Rifkin**

Confira nas *Notícias do Dia* 05-08-2007

Jeremy Rifkin, o teórico da energia descentrada, fala sobre biocombustíveis e efeito estufa, entre outros temas, e alerta: “A primeira causa do incremento humano do efeito estufa é devida ao setor das construções, isto é, casas e escritórios. A terceira são os transportes. Sabe qual é a segunda? O complexo da produção necessária para sustentar aquela gigantesca máquina poluente constituída pela pecuária: os nossos consumos de carne são o segundo fator de risco para a estabilidade do clima”. A entrevista foi concedida ao jornal *La Repubblica* em 27-07-2007.

#### **O Papa e a interpretação do Concílio**

**Joseph A. Komonchak**

Confira nas *Notícias do Dia* 05-08-2007



O historiador norte-americano Joseph A. Komonchak, em artigo publicado no blog, 30-07-2007, da revista *Commonweal*, comenta a análise de Bento XVI sobre o pós-concílio.

**'Estado Novo do PT'. 'É uma metáfora, mas é mais do que uma metáfora'**

**Luiz Werneck Vianna**

Confira nas *Notícias do Dia* 05-08-2007

“Lula tem força, carisma, para segurar essa colcha. Essa federação é boa para todos. Agora, cada um já procura jogar por fora do marco do Estado, sabendo que, trazendo força da sociedade, pode conseguir margem de manobra maior. Na medida em que todos começarem a fazer isso, esse equilíbrio vai ficar insuportável. Nem o carisma do Lula vai segurar”. A análise é de Luiz Werneck Vianna, em entrevista concedida a Wilson Tosta e publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, 5-08-2007.

## Frases da Semana

SÍNTESE DAS FRASES PUBLICADAS DIARIAMENTE NAS *NOTÍCIAS DO DIA* NO SÍTIO DO IHU.

### TAM

“Não é possível que todos os dias, mas todos os dias mesmo, os aviões da TAM apresentem problemas e isso não signifique nada” - um dos membros do Conac, ao confirmar que a manutenção dos aviões da TAM é um dos assuntos especiais a ser discutido hoje na reunião do Conselho Nacional de Aviação Civil (Conac) - *O Estado de S. Paulo*, 30-07-2007.

“Se o reverso não quebrasse, se a Airbus não liberasse vôos mesmo assim, se a TAM tivesse rigor na manutenção e no treinamento de pilotos, se o governo e a Anac fiscalizassem devidamente, se a pista tivesse mais de 1.940 metros e área de escape... talvez Kleiber Lima e Di Sacco tivessem tido tempo e margem de manobra para salvar 200 vidas. Inclusive as próprias” - **Eliane Cantanhêde**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 31-07-2007.

“(Marco)Bologna, (presidente da TAM) embromou deputados dentro das dependências da Câmara. Há duas relevâncias nesse episódio. Primeiro, demonstra o empenho com que o presidente da maior companhia aérea do Brasil tenta eximir a TAM de qualquer responsabilidade no caso. OK. A esperteza está embutida

no valor do salário do executivo” - **Fernando Rodrigues**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 04-08-2007.

“A TAM pratica capitalismo selvagem com tapete vermelho” - um **observador** da cena aérea nacional, sobre a empresa líder do setor - *Folha de S. Paulo*, 05-08-2007.

### A320

“A família A320 (A319/320/321), que tem basicamente o mesmo sistema de controle aéreo, tem uma taxa de 0,57 acidentes graves por 1 milhão de decolagens. A média mundial é de 1,68 acidentes graves por 1 milhão de decolagens, o que dá ao A320 um histórico de boa segurança” - **Kenneth Funk 2º**, investigador de causas de desastres aéreos - *Folha de S. Paulo*, 05-08-2007.

“A família A320 sofreu apenas sete acidentes nos quais passageiros ou tripulantes saíram feridos em 19 anos. Foram cerca de 50 milhões de vôos. Acho que cerca de 49.999.989 vôos seguros num total de 50 milhões é uma boa marca” - **Peter Ladkin**, investigador de causas de desastres aéreos - *Folha de S. Paulo*, 05-08-2007.

### Nelson 2010 Jobim

“O êxito de Nelson Jobim na Defesa tiraria o governo das cordas e credenciaria o ex-presidente do STF a ser um protagonista em 2010” - **André Singer**, jornalista e cientista político, ex-porta-voz da Presidência da República (governo Lula) - *Folha de S. Paulo*, 31-07-2007.

“Quando a mulher de um político bota uma coisa na cabeça, ninguém tira. Ou vocês acham que cheguei até aqui sozinho? Escrevam: a mulher do Jobim colocou na cabeça que ele tem que ser presidente da República, e ele vai fazer de tudo para chegar lá” - **José Sarney**, senador pelo PMDB-AP - *O Globo*, 04-08-2007.

### PAN

“Gastamos R\$ 4 bilhões pra ficar atrás de Cuba. Com essa grana, a gente comprava Cuba e ainda ficava em segundo!” - **José Simão**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 31-07-2007.

“Em 2002, quando da candidatura do Rio, o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) estimou gastos de R\$ 414 milhões (corrigidos pela inflação), a maioria em recursos oriundos da iniciativa privada. Cinco anos depois, verifica-se que a conta foi multiplicada por nove: a aventura ficou em R\$ 3,7 bilhões, tudo pago pelo contribuinte” - Editorial do jornal *Folha de S. Paulo*, 31-07-2007.

“A reforma do Maracanã custou R\$ 294 milhões, quantia mais do que o suficiente para erguer um estádio novo - o de Leipzig, usado na Copa de 2006 na Alemanha, saiu por R\$ 244 milhões” - Editorial do jornal *Folha de S. Paulo* - 31-07-2007.

### Muro

“Quero deixar claro o repúdio do povo argentino, de quem vos fala e daqueles que me acompanham, à construção do indigno muro que se está construindo entre a nação irmã do México e os EUA” - **Néstor Kirchner**, presidente da Argentina - *Página/12*, 01-08-2007.

### Chantagem

“Colocá-lo (Luiz Paulo Conde) em Furnas a partir de uma pressão (do PMDB) que está a milímetros da chantagem é jogo sujo que acabará mal, talvez no escuro” - **Elio Gaspari**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 01-08-2007.

“Tudo bem Conde não ser eletricista, mas ele que se cuide com os curto-circuitos da corrupção” - **Dr. Rosinha**, deputado federal do PT-PR, sobre o ex-prefeito do Rio Luiz Paulo Conde, do PMDB, que se defende das críticas à sua indicação para a presidência de Furnas alegando que não é preciso ser eletricista para dirigi-la; a estatal ocupou o noticiário durante o escândalo do mensalão - *Folha de S. Paulo*, 04-08-2007.

### Imoral

“Eu sou imoral, devasso, depravado, se você preferir, mas pago meus impostos e estou em situação legal” - **Oscar Maroni Filho**, proprietário da casa de diversões masculinas Bahamas, na zona sul de São Paulo, próximo do aeroporto de Congonhas, que se define como “empresário do erotismo” antes de emendar que já dormiu com 1.500 mulheres - *O Estado de S. Paulo*, 01-08-2007.

### Vaias

“Se alguns quiserem brincar com a democracia, eles sabem que neste país ninguém sabe colocar mais gente na rua do que eu. Eles sabem” - **Luiz Inácio Lula da**

Silva, presidente da República - *Folha de S. Paulo*, 01-08-2007.

"Os que estão vaiando são os que mais deveriam estar aplaudindo, posso garantir que foram os que ganharam muito dinheiro neste país, no meu governo. Aliás, a parte mais pobre é que deveria estar mais zangada, porque ela teve menos do que eles tiveram. É só ver quanto ganham os banqueiros, os empresários, e vamos continuar fazendo política sem discriminação" - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *Folha de S. Paulo*, 01-08-2007.

#### Elite

"Um governo em que as principais políticas econômicas são determinadas por um banqueiro como Henrique Meirelles é contra a elite? Francamente ridículo" - **Clóvis Rossi**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 01-08-2007.

"A classe média obedece muito a impulsos provenientes da mídia. Ela não tem tradição de mobilização: explode e recua, explode e recua. Ela não quer transformar coisas. Protesta contra algo que não lhe agrada, mas depois volta ao normal" - **Ricardo Amorim**, economista - *Folha de S. Paulo*, 03-08-2007.

"A quem interessa derrubar Lula, que tem tão bom trânsito entre o empresariado e base de sustentação partidária tão conservadora? Parece que, assim como nas ditaduras militares o discurso do 'inimigo externo' coesionava, no governo Lula tudo se justifica em função das 'ameaças da direita'" - **Chico Alencar**, deputado federal - PSOL-RJ - *O Globo*, 01-08-2007.

#### Crise aérea

"Cachorro que tem muitos donos morre de fome porque ninguém cuida" - **Luiz Inácio Lula da Silva**,

presidente da República, referindo-se ao setor aéreo - *O Estado de S. Paulo*, 03-08-2007.

"Todo o sistema está com metástase, mas o paciente não sabia, e precisamos resolver" - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República, referindo-se ao setor aéreo - *O Estado de S. Paulo*, 03-08-2007.

#### Ponte

"Deve ser terrível viver num país como os EUA, onde o governo nada fez para evitar a queda da ponte sobre o Rio Mississippi" - **Ancelmo Gois**, jornalista - *O Globo*, 04-08-2007.

#### Herói

"(Daniel) Dantas é o herói da privatização brasileira" - **Paulo Henrique Amorim**, jornalista, comentando a compra da Telemig pela Vivo - no seu blog *Conversa afiada*, 03-08-2007.

#### Celular

"Nem os futurologistas mais ousados previam que o celular se transformasse, em tão pouco tempo, em receptor móvel de TV digital" - **Ethevaldo Siqueira**, jornalista - *O Estado de S. Paulo*, 05-08-2007.

#### TV móvel

"Não tenho dúvida de que a TV móvel é o futuro. Em menos de 10 anos, ela será nosso modo principal de ver televisão, oferecendo-nos novas opções de acesso ao seu conteúdo a qualquer hora e em qualquer lugar, sejam filmes, novelas, partidas de futebol, jogos olímpicos ou telejornais" - **Marco Aurélio de Almeida Rodrigues**, presidente da Qualcomm do Brasil - *O Estado de S. Paulo*, 05-08-2007.

## Perfil Popular

### João Rabuske

*Na maioria das vezes, o sentimento de ser pai é reconhecido com o nascimento de um filho. João Rabuske, 37 anos, estudante do 7º semestre de Engenharia Mecânica na Unisinos, quebrou esta regra. Embora saiba da emoção que é ver um filho vir ao mundo, foi com a sua enteada, a Jordana, que ele descobriu o verdadeiro sentido da palavra pai. Em entrevista exclusiva à revista IHU On-Line, João revelou momentos marcantes de sua vida, que vão da tristeza de perder uma pessoa amada à felicidade de poder dar amor e carinho a duas crianças, suas fontes de esperança.*

#### Origens e valores

Localizada a oeste de Santa Catarina, a cidade de Itapiranga, é colonizada por alemães e a principal fonte de renda vem do campo. Foi lá que João Rabuske nasceu. Das origens simples, que lhe fizeram crescer com dignidade, ele recorda com orgulho: “Meus pais trabalhavam com a criação de suínos e produção de leite, plantavam milho, soja e outros produtos básicos para a subsistência.” Embora viver no interior, às vezes, implique em permanecer cercado pela falta de recursos, em nenhum instante, principalmente na infância, João se afastou de momentos felizes, sejam eles em família ou com os amigos. “Tenho somente recordações boas, como os jogos de futebol aos domingos, a escola, as brincadeiras e, já adolescente, os bailes, quando caminhávamos longas distâncias até chegar.” Na escola, João percebeu que cabia aos mais fortes defender os



indefesos. Com isso, aprendeu a não deixar que imperassem as injustiças. “Quando via alguém abusando de um pequeno, eu apanhava junto, mas não o deixava sofrer sozinho.”

#### A família e o adeus à terra natal

Dos seis irmãos, três homens e três mulheres, João foi o único a escolher o Rio Grande do Sul para viver. Seus irmãos estão espalhados por diversos cantos do país: São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Brasília, e há quem não deixou o Estado natal, Santa Catarina. “No nosso relacionamento, havia conflitos normais entre irmãos, mas, no fundo, éramos uma família, e tudo se superava com o tempo.” A vinda para solo gaúcho ocorreu em 1995, aos 25 anos, e com um grande objetivo na bagagem: cursar Engenharia Mecânica na Unisinos. “Era o que eu estava decidido a fazer e, onde eu morava, não havia onde cursar.”

### Profissão

Buscar lenha para o fogão, capinar, acompanhar o pai na lida da roça. Foi assim que João aprendeu o que era trabalho. Aos 14 anos, foi estudar em uma escola agrícola, espécie de internato dos padres jesuítas, onde transformava o estudo em profissão. “Dos estágios realizados, surgiu meu primeiro emprego, em uma granja produtora de matriz de suíno, quando tinha 16 anos. O primeiro salário foi gasto em um relógio.” Foi quando ainda estava no 2º Grau que João teve a oportunidade de conhecer a Unisinos e decidiu que era nesta Instituição que queria estudar. Em 1998, a área de atuação profissional passou a ser a Engenharia Mecânica, quando começou a trabalhar como projetista em uma metalúrgica. “Sempre gostei de mexer na área mecânica. Hoje, trabalho na Delga Automotiva, em São Leopoldo, também metalúrgica. Minha profissão representa um sonho de criança.”

### Matrimônio

Há três anos, João perdeu sua primeira esposa, vítima de câncer. Desta união, nasceu sua filha Verônica, de 5 anos. Sua esposa já tinha uma filha, de outro casamento, a Jordana, de 10 anos. João a assumiu como se fosse sua. Passados dois anos da perda, era hora de recomeçar. “Gostei da vida de casado e reconstruí minha família. Precisava de alguém para me ajudar a cuidar das crianças. Para mim, família é a base para o equilíbrio de uma pessoa. É ali que se forma o futuro cidadão.”

### Pai - o sentido da palavra

João associa a palavra pai ao compromisso de formar um ser humano para a sociedade. Para ele, ser pai é compartilhar experiências, prazeres, ser recebido com festa quando chega em casa. É dar a oportunidade de uma educação decente e sentir que está dando segurança a uma pessoa. O sentido da palavra pai foi descoberto com a Jordana. “Ela se apegou a mim antes mesmo que a minha própria esposa e, para mim, foi um presente. No início, tive o receio de não ser aceito. Achei que ia ter que lidar com o ciúme da parte da criança. Como sempre, gostei de criança, comecei a brincar com ela que, como nunca tinha alguém que lhe fizesse o papel de pai, gostou.” O tratamento com as duas é igual. Ambas são chamadas de filha. Ter que corrigi-las, mostrar firmeza, é uma situação delicada para João. “Fico com o coração partido, porque corrigir dói mais na gente do que na criança. Mas é preferível fazer isso hoje para que, no futuro, ela saiba o caminho certo.”

### Fé

É da fé que vem a força de João. Foi ela a grande responsável por ele não ter desistido diante da perda da esposa. João sabia que não podia impedir a partida, mas tinha a certeza de que as filhas precisariam dele. “Elas estavam vendo que a mãe não ia durar muito tempo, e a própria mãe não escondia isso delas. Se eu desanimasse, o que seria das crianças?”

### Sonhos

Ter o seu próprio negócio é o grande objetivo profissional de João. Por enquanto, ele está eliminando os empecilhos, procurando informação e formação para um dia chegar lá. Há ideais pessoais que ele também persegue. “Sonho em continuar unido a minha família. Ver minhas filhas crescendo e, se vier outro filho, que seja bem-vindo. Quero fazer a função de pai, proporcionar uma vida digna para minhas filhas e para a nova esposa, manter a harmonia na família, sustentar, dar uma vida material que, a meu ver, não é o mais importante. Quero manter um lar na segurança necessária para formar membros da família equilibrados.”

### Educação

“A escola poderia ser um lugar onde se aprende o respeito, mas isso nem sempre se vê.” A resposta para esta falha, João vê nas famílias, pois não se aprende a respeitar em casa e continua não se aprendendo na escola. “O resultado disso é uma

parcela da sociedade atual perversa.” João coloca a liberdade, o acesso à informação e a valorização do esporte, que afasta os jovens das drogas, em posição de destaque na educação do País.

### O Brasil de hoje

Nem mesmo os escândalos que estão manchando a história do Brasil fazem João desistir de ver o País progredir. Ele reconhece que há falhas no governo, mas se revela um brasileiro otimista, destacando fatores favoráveis da política nacional. “A liberdade de investigações no País é um dos pontos positivos. Tenta-se desmoralizar o governo por aparecerem coisas erradas, o que já acontecia, mas não era permitido investigar.” O Brasil de hoje ainda está distante do que João gostaria, com mais justiça social, menos criminalidade e distribuição de renda justa. Para ele, isto só será possível quando existirem governos comprometidos com o povo, e não somente com os próprios interesses, o povo assumir o seu papel e poder político.



## Sala de Leitura



“Estou lendo *O mundo acabou* (Editora Globo, 2006, 306 páginas), de Alberto Villas. Francamente, eu não sou uma saudosista. Gosto das invenções do mundo moderno, não

sei viver sem um computador e até acho que não posso dispensar meu celular. Decididamente, não acho que o mundo acabou na época de minha adolescência... Entretanto, eu tenho uma história, e a velocidade das invenções deste mundo moderno deixa-a muito longe. Recuperá-la com a leitura de *O mundo acabou* é uma delícia, ainda que muitas das coisas recordadas sejam de uma geração anterior à minha. Mas, se eu não usei calças Far-West (no meu tempo era Lee), gostava de tomar Crush e andava, muito orgulhosa, na Rural Willis de meu pai. Li muita fotonovela (é, isso existia), em revistas como *Grande Hotel* e *Capricho*, assisti à televisão em preto e branco e, com grande dificuldade de ajuste de imagem, fui à matinê. Vi até filme de *cowboy*... Tudo isto está na leitura deliciosa de Alberto Villas, que nos faz voltar no tempo, com pitadas de humor e pouca nostalgia. Na verdade, reencontra-se, na voz deste mineiro, a memória emocional da geração que nasceu entre os anos 1950 e 1960.

*Ana Maria de Mattos Guimarães, doutora em Lingüística Aplicada, coordenadora do PPG em Lingüística Aplicada da Unisinos.*



“Estou lendo *O vulto das torres* (Companhia das Letras, 2007, 506 páginas), livro escrito pelo jornalista Lawrence Wright, da revista *New Yorker*. Ele pesquisou durante cinco anos para tentar

entender o 11/9 e, para isto, reuniu muitas histórias que iluminam as conturbadas relações entre Oriente Médio e Ocidente. A construção do texto parte de quatro personagens: dois de cada lado, com ênfase em Osama Bin Laden, o anti-herói, e John O`Neil, o herói não-reconhecido. O jornalismo investigativo que Wright pratica vai fundo na coleta de informações mas, também, na articulação entre elas. E, assim, ficamos sabendo a vida em pormenor do Bin Laden, a eficiência da organização Al-Qaeda e a incompetência, por excesso de confiança, dos serviços de inteligência americana. Para os que apreciam boa leitura sobre o que acontece no mundo este é um livro recomendado. Mas, para os que exercem a profissão de jornalista, é uma leitura indispensável. O livro recebeu o prêmio Pulitzer 2007 de não-ficção. Ao terminar a leitura a gente lamenta que não seja ficção”.

*Christa Berger, jornalista, doutora em Ciências da Comunicação, e professora do PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos.*

## IHU REPÓRTER

## Sergio Dapper

*Foi através das diferenças que Sérgio Dapper, advogado e funcionário do Setor de Suprimentos, trabalhando na área de Gestão de Serviços de Impressão e Reprografia da Unisinos, descobriu-se um vencedor e, mais do que isso, um exemplo de pai. Seu filho caçula, Eduardo, é portador da Síndrome de Marfan, a qual compromete a locomoção e a coordenação motora. O filho é para Sérgio uma razão a mais para viver. Confira, a seguir, em entrevista exclusiva à revista IHU On-Line, a história de vida deste pai que acredita nos seus sonhos e tem a esperança de ver um Brasil melhor.*

**Origens e infância**

Nasci em São Pedro da Serra, então município de Montenegro, onde me criei até os 20 anos. Minha família é constituída de nove membros: meu pai, já falecido, minha mãe e sete filhos. Minha mãe era dona-de-casa e meu pai, agricultor. Não tínhamos recursos, mas éramos todos muito unidos e solidários. Tínhamos o que comer e o que vestir. O restante íamos levando com a luta diária. Quando criança, não havia os recursos que se têm hoje, mas tinha tudo o que, naquele momento, eu julgava interessante para ser criança e gostar da minha infância. Datas como Natal e Páscoa, as olimpíadas escolares, as missas que organizava, como integrante de um grupo de jovens, e os jogos de futebol, me marcaram muito.

**Vida escolar e ingresso na Universidade**

Minha vida escolar foi muito boa. Lembro do primeiro livro que ganhei e tive que ler. Intitulava-se *Páginas do sul*. Acho que foi na 1ª série, quando estudei no Colégio

de freiras Imaculado Coração de Maria. Sempre gostei muito de estudar. Gostava de ir à aula pela manhã, mesmo com o frio. Sou o único da família que tem formação superior. Meus irmãos não se interessavam muito por seguir estudando, talvez em função dos poucos recursos que tínhamos. Saí de São Pedro da Serra, no início de 1979 e vim para São Leopoldo, com o objetivo de estudar Direito na Unisinos, curso que concluí em 1988. Minha escolha pelo Direito surgiu quando frequentei o 2º Grau, na Escola Estadual de 2º Grau de Salvador do Sul, que tinha suas atividades no prédio do Colégio Santo Inácio, em Salvador do Sul, onde estudei por oito anos. Lá, tive a oportunidade de conhecer os jesuítas e de experimentar exemplos muito bons. Sempre gostei da prática da Justiça, e, por ser de família humilde e conviver com algumas injustiças, entendi que poderia contribuir com as pessoas e a sociedade, aprendendo e me formando na área do Direito.

**Profissão e relação com os colegas de trabalho**

Nunca atuei como advogado. Quando me formei, já estava trabalhando na Unisinos, na função de auxiliar administrativo, e em 1992 assumi uma nova função, como supervisor da Gráfica Unisinos. Entrei como funcionário, através de entrevista feita pelo padre Egydio Schneider, então vice-reitor, com quem tive bastante convivência. Ele, por sinal, foi um condutor exemplar nas questões administrativas da Instituição. Sempre gostei e ainda gosto, do modo de atuar da Unisinos, e, por isso, nunca me afastei dos seus princípios.

Sobre a minha área de formação, Direito, não me afastei totalmente de vários de meus colegas. Durante este período, construímos algumas coisas juntos, como redação de contratos e encaminhamento de processos. Na verdade, eu nunca atuei diretamente, mas sempre como colaborador. No momento, encaminhei meu processo de inscrição na OAB e penso, aos poucos, em iniciar atividades nesta área. Antes de começar a trabalhar na Unisinos, não tinha emprego fixo, trabalhava em casa e atuava com voluntário, nos censos do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Salvador do Sul.

### **Pais**

Meus pais moravam no interior do município de São Pedro da Serra, e, com a idade se aproximando dos 60 anos e as coisas da roça começando a se tornar difíceis e pesadas, resolvi comprar um terreno para construir uma casa para eles mais perto do centro. Com isto, também assumi a responsabilidade de cuidar deles enquanto vivessem. Neste período, meu pai veio a falecer em 1998. Fiquei, então, com o compromisso de cuidar da minha mãe. Tive e tenho grande estima pelos meus familiares, além da convicção de que quem não cuida bem dos seus ascendentes não saberá cuidar das gerações futuras. Entendo que colhemos resultados muitos mais expressivos sendo pró-ativos e solidários do que omissos e costumeiramente críticos. A crítica

costumeira, normalmente, é uma conta de subtração em vez de uma adição.

### **Família**

Namorei por oito anos e me casei em outubro de 1988. Conheci minha esposa, a Jussara Beatriz, na Escola Estadual de 2º Grau de Salvador do Sul. Posteriormente, ela veio para São Leopoldo, para a Unisinos, onde começou a trabalhar e também se formou em Matemática. Ela foi e continua sendo uma pessoa especial na minha vida. Do nosso casamento, resultaram dois filhos: Bárbara, de 17 anos, e Eduardo, de 13. A Bárbara foi uma alegria muito grande para nós. Ter o primeiro filho foi um grande aprendizado. Somos bastante unidos e solidários, administramos bem as nossas questões familiares, dando grande importância para o diálogo e a educação. Mas também não esquecemos das finanças, de preferência não dando o passo maior do que as possibilidades permitem.

### **Presente especial**

Meu filho Eduardo. Ele nasceu com Síndrome de Marfan, que causa deficiência visual, cardíaca e locomotora. Depois dos quatro anos de vida, ele começou a apresentar os sinais visíveis da doença. Passamos por vários médicos e achamos, no Instituto de Cardiologia, os médicos que diagnosticaram o problema. Nos vimos então obrigados a fazer uma série de tratamentos que culminaram em várias cirurgias, inclusive a cardíaca. Esta cirurgia é um procedimento de alto risco e custo elevado, e neste momento contamos com o apoio da Coopersinos<sup>1</sup>, que foi preponderante para o

---

<sup>1</sup> Coopersinos: Cooperativa sem fins lucrativos, fundada em abril de 1993, por professores e funcionários da Unisinos. Tem como principal objetivo permitir aos beneficiários acesso a serviços de saúde com menor custo, pagando apenas o serviço que utiliza. Possui vários profissionais credenciados, disponibilizando aos usuários os serviços da Unimed e Uniodonto. Associados e dependentes podem usar os serviços oferecidos pela Coopersinos mediante contribuição mensal, por pessoa,

encaminhamento e restabelecimento de sua saúde. Atualmente, ele continua apresentando dificuldades de locomoção e coordenação, mas o tratamos como um filho normal. Sabemos que toda a doença traz traumas, mas que esses devem ser superados. Atuar numa missão nobre serve como aprendizado e contribui para uma convivência familiar harmoniosa. Acaba trazendo amadurecimento, para que nos tornemos fortes e solidários na jornada da vida. Também participamos de um time de futebol e de um grupo vocal, formado por colegas da Unisinos e outros amigos. Nos reunimos nas segundas-feiras para cantar e nas sextas-feiras para jogar. Nestes eventos, sempre que posso levo meu filho. Tanto eu quanto ele recebe apoio e incentivo de todos. Desta forma, em família e entre colegas e amigos, temos todas as condições de construir o dia a dia da melhor forma possível.

#### Lição de vida

Ser pai de uma criança especial é ser solidário sempre. É aprendizado, é trabalho, é procurar sempre a melhor compreensão das coisas e situações. A natureza é única e sábia, e não somos capazes o suficiente para remar contra o seu curso. Aceitá-la e trabalhar na missão que nos é confiada nos renova diariamente e nos torna capazes de suportar e suplantar os grandes obstáculos que a vida nos apresenta.

#### Sonhos

Meu sonho é adquirir uma pequena área para criar gado, ter em torno de 40 ou 50 cabeças de gado. Isso não é uma missão fácil de se realizar, mas temos que caminhar e perseguir nossos sonhos, pois vivemos para

---

descontada em folha de pagamento. A contribuição mensal e espontânea da Unisinos serve para subsidiar procedimentos feitos somente por titulares e dependentes diretos, os quais receberão subsídio sobre o procedimento realizado. Dependentes indiretos não recebem subsídio. (Nota da *IHU On-Line*).

isto. Ter metas é o melhor método para crescer e buscar aquilo que queremos. Portanto, com o sonho, alimentamos as nossas forças para construir nossa realidade, e, ao concretizá-la, realimentamos novos sonhos. Este é o ciclo da vida.

#### Livros

Não tenho como hábito costumeiro a leitura, mas um dos livros que li e mais gostei foi *O profeta*, de Gibran Kahlil Gibran. Li outras obras dele, como *Ninfas do vale* e *Asas partidas*. Também li bastante sobre Legislação Trabalhista. Gosto também de livros que tenham como tema a Gestão administrativa, principalmente dos que falam sobre Gestão, planejamento e resultados.

#### Filmes

Meu filme preferido, e também o da minha família, é *Uma linda mulher*, ao qual já assisti cinco vezes. Também gostei muito de *Dois filhos de Francisco*. Assisti a vários filmes de guerra, e outros, como *Felipe, o bárbaro*, *Gregos e troianos* e *Sansão e Dalila*. Hoje, prefiro filmes de bang-Bang e documentários.

**Hobby** - Sempre gostei de esporte, de viajar para o interior ou para o litoral. Nos momentos de lazer, gosto de passear, ver o campo. Sou um apreciador da natureza, gosto muito de flores, principalmente de orquídeas. Entre duas a três vezes por mês, volto para a minha cidade natal para visitar meus familiares.

**Visão da política brasileira** - Somos um país à procura de uma identidade política. Não achamos ainda os nossos melhores valores e padrões. Estamos evoluindo numa série de quesitos, mas ainda somos um país de Terceiro Mundo. Temos que aprender bastante e investir continuamente em educação, para que o povo saiba distinguir melhor em qual futuro quer e deve apostar. A

atuação dos nossos políticos é o retrato do quem somos como povo e nação. Muitos políticos querem normalmente patentear suas idéias, mas estas, muitas vezes, resultam em pouca eficácia e em duvidoso benefício social. Precisamos aprender a escolher melhor os nossos políticos e administradores, bem como munir o povo de instrução e ferramentas, capazes de fazê-lo agir e acreditar que seremos mais competentes se nossas convicções e valores resultarem em ações que beneficiam a grande coletividade e não somente determinados grupos. Nação desenvolvida tem um povo desenvolvido.

**Unisinos** - Grande parcela do que tenho adquiri através da Unisinos. Aprendi com os jesuítas que o crescimento no caminho para o qual se aposta só se consegue com muita luta e persistência. Escolhi a Unisinos por questão de oportunidade e de identidade. Fiz concurso no Bradesco e passei, mas optei por trabalhar na Unisinos porque ali eu tinha a oportunidade de estudar. Acho a Unisinos um lugar bom de trabalhar. É uma instituição que busca continuamente a sua renovação. Ela mostra um caminho, tem uma direção e não se afastou do contexto de construção contínua da pessoa humana. Este é o valor que me move a continuar trabalhando aqui. Sempre gostei de trabalhar com a filosofia dos jesuítas, e, assim, a considero vencedora.

**Instituto Humanitas Unisinos** - Não conheço a fundo o IHU, mas, dentro do trabalho que faz, a Revista *IHU On-Line* é uma das melhores da Unisinos. Os artigos são muito bons, ricos e atualizados. O IHU tem uma grande parcela de contribuição no contexto da formação e da educação na Unisinos. O Instituto enriquece a Universidade e faz brotar idéias novas e experiências atuais sobre as ações da sociedade e seus ensinamentos.